

NOVODRAMA
HEROICO,
OU
NOVA COMEDIA
HEROICA;
DE ULISSES
NA LUZITANIA.
NOVA FICC, A Ø,
DO BACHAREL
NUNO JOZÉ
COLUMBINA.
SUAS PERSONAGENS.

<i>Ulisses</i> Herde Grego Principe de I'taca	<i>Danteli</i> Secretario de El Rei.
<i>Górgoriz</i> Rey da antiga Luzitania.	<i>Astréa Rainha</i> , mulher de Górgoriz.
<i>Políbio Vate.</i>	<i>Calipso</i> Princeza filha de Górgoriz.
<i>Philarco Capitão Grego.</i> 1.	<i>Thebanira</i> dia de Calipso.
<i>Pirro Capitão Grego.</i> 2.	<i>Cometiiva</i> de Ulisses.
<i>Leostenes Embaixador de Ulisses.</i>	<i>Cometiiva</i> de Grógoriz.



LISBOA,

NA Officina de CAETANO FERREIRA DA COSTA.

Anno de MDCCLXXVII.

Com Licença da Real Meza Censoria.



ARGUMENTO DESTE DRAMA.

HE a principal accão desta Comedia , a chegada de Ulisses , com os seus Gregos , à Luzitania : os quaes depois de destruida Troia , se fizerão á vélia para a Grecia , e sobrevindo-lhe huma grande tempestade , vierão (por impulso superior) tomar porto ás praias do Tejo , nas quaes hui Vate , chamado Polibio , o veio vizitar , e lhe deo noticias da grande bondade do seu Rei , vaticinando-lhe , que alli , edificaria huma Cidade , cuja seria assombro de todas as do mundo , animando-o a quem mandasse dar noticias da sua chegada a ElRey Górgoriz , a qual levou Leostene , cuja foi bem aceita de ElRei , mandando que viesse á sua prezença , e Corte : onde lhe fez ás maiores honras , com todos os grandes della , pedindo-lhe , que lhe dësse noticias das guerras , e destruição da Troia.

Elle com promptidão , e com elegancia o satisfez : mostrando-se ser com elle apparentado.

Vio Ulisses a rara formozura de Calipso , e logo ficou namorado della , cuja o amava excessivamente por fé , desde que delle a sua Aia lhe cantou huma Areá , que vao no primeiro acto , pela razão de andar triste , a respeito de ElRei seu pai , a querer cazar com Palante Princepe das Províncias do Mondego , ou antiga Coimbra , a quem ella aborrecia antepaticamente ,

Deo ElRei a Ulisses hum Real , e magnifico banquete , com hum b em composto Serão , de que admirados os Gregos , lhe renderão as graças ; e por ultimo pede Ulisses a ElRei lhe conceda licença , e dê lugar para fabricar habitação ; em que viva com os seus companheiros .

Amplamente lha concede ElRei , e lhe signala á parte onde hoje está o Castello ; e alli deo principios á nossa sempre Augusta , e sempre leal Cidade de Lisboa , Capital do Lúzitano , e Felicissimo Imperio , e admiravel Emporio do mundo .

SCENAS DESTE DRAMA.

I.

Vista de mar com navios, e alguns dezarvorados ao longe; e da parte da terra bosque.

II.

Vista de Jardim Real com estatuas de Jaspe.

III.

Vista de Palacio Real, com salas Magestozamente adornadas.

IV.

Vista de fallas interiores do Palacio.

V.

A primeira outra vez.

VI.

Vista de Templo em forma tosca, junta de montes, com arvores sylvestres, e nelle hum simulacro de Juno, e diante huma Pyra aceza.

VII.

Vista de sala Real, com throno, e docel para recebimento da embaixada de Ulisses.

VIII.

Vista de falla Real bem armada.

IX.

Vista de soberba Cidade, com porticos magestozos: huma praça magnifica, com huma pyramide no meio, pedestais, e colunatas, o melhor que possa ser, e defronte palacio Real.

X.

Vista de Jardim com estatuas de Jaspe, e huma fonte magestoza no meio.

XI.

Vista de noite.

XII.

Vista de mezas Reaes com a maior oppolencia, adornadas de varias viandas.

FIM DAS SCENAS.

NOVA COMEDIA HEROICA. DE ULISSES NA LUZITANIA.

ACTO PRIMEIRO.

SENÁ PRIMEIRA.

Vista de mar, que será a nossa barra o melhor que se possa figurar. Apparece entrando por ella a Armada de Ulisses com alguns navios derrotados, que chegando ao ancoradouro largaraõ ferro, e deixaraõ escaleres fôra. Em hum dos quaes (magestozamente perparado) virá Ulisses com os Capitães; e notro toda a Grega conimettiva, que farão o dezembargo pela seguinte forma.

Huns. **A** Maina, amaina as vellas,
ferra, ferra,
Nestas praias tomemos to-
dos terra:
Que os Deozes já de nós compadecidos
Nos conduziram aqui: quando perdidos
Nesses Reinos ferozes do Neptuno
Nos vimos, se de-nos piedosa Juno
Ante senaõ lembrará;
E das ondas as vidas nos salvará.

Outros. Deligentes voguemos, seja
o gosto
Do beijarmos arka; e pôr lhe o rosto
Anossa maior gloria,
por gozarmos de fados tal victoria.

*Chegando a terra em forma de sabi-
rem, e já levantados, dirá Ulises.*

*Uliss. Já Gregos valorozos, e guerreiros
(Em feitos sempre heroicos os primei-
ros)*

D'altiva Grecia, e belica Dardania
A lembrança se perca. A Luzitania
A grande Luzitania agora seja
Nossa patria feliz. Fine a peleja
De Neptuno ferós. Acabe a guerra;
Pois nós vemos seguros já na terra
De nós tão decejada, e appetecida,
Onde tenha descanso a nossa vida. Sa-
bindo pela prancha,

Fu ferei o primeiro, que na praia
A minha planta estampe, e nella saia
A trilhar sua arca,
Que só beijá-la humilde me recréa.
Salve teria feliz a donde o fado Sabe,
Me tem eterno nome aparelhado!
Salve outra vez, te digo, oh Patria nova,
Que á idade futura has de dar prova.
D'Heroes mais excellentes,
Dos que té hoje visto tem as genteis!
Recebe, carinhoza, neste beijo Beja
a terra.

Huma

de Ulisses na Luzitania.

Huma paz sempre eterna; Pois deze ja.
Por ti, oh muito nobre Luzitania.
Esquecer-are da Grecia, e da Dardania.

Phil. Eu ferei o segundo,
Que te pize com gosto o mais jocundo
Sahé.
E de gloria, e de dita esta alma cheia,
A matalha boca estampe em tua aéra. *Be-*
ja a terra.

Pir. Eu ferei o terceiro, nessa lida, *Sahé.*
Que te pize também praia querida;
E recibe no beijo que em ti gravo *Bei-*
ja a terra.

Este Grego, já Luzo, por escravo

Uliss. Que Regioens taõ alegres! Es-
te prado
Nós com vida, a descânço; pois o fado
Aqui nos dá benigno nestas selvas.
Huma vista gostoza; e suas relvas
Câtres cheios de flores:
E nas aves requiebros com primores.
Amigos, que dizeis da Luzitania?

Phil. Que esquecidos da Grecia, e da
Dardania,
Vendo desta muliança os seus empregos
Já Luzos nos chamamos, e não Gregos.

Pirr. Que dita, Excelso Ulisses, al-
cançamos

Se Luzos, e não Gregos nos chainamos.
Tu lo fique esqueci-lo:

O Tejo seja em Lettes convertido;
Pois quem tanti fortuna hoje alcança,
Que espera mais gozar? sua esperança
Acabe l'huma vez.

Uliss. Gregos famozos;
Porém Gregos já não, Luzos ditozos:
Sessem neste prazer voñas porsias,
Descançar nos convém das agonias,
Que pislâmos nos mares taõ notórias,
Do sonno nos occupem suas glórias.

Phil. Obedecer-te he lei inviolavel,
Heroe o mais famozo, e respeitavel.

Pirr. Amigos descancemos;
E a Moco o os sentidos entregamos.

Uliss. Sim, caros companheiros, he
bem justo,
Desferre-se o trabalho, acabe o susto,
Que os Deozes favorecem noſſo intento:
Cada qual lugar tome a seu conteúdo,
Que eu tambem nesta gruta recostado,
O mesmo voi fazer a meu infado.

*Haverá huma gruta, na qual se met-
terá Ulisses, de forte que se veja; e
os mais esferão por entre os batis-
dos, de forma que pareçã o extremo
dormindo, logo fabrirá Polibio vate-
cianto vestido competente a seu ca-
racter, que chegando-se para onde
está Ulisses, dirá o seguinte.*

Pol. Com que justa razão, com que
cuidado,
Venho ver esse Heroe, que á Luzitania
(por implos dos Deozes) fia mandado,
Da Grecia taõ famoza, e da Dardania.
Ulisses, que no mundo he respeitado
No valor com que abate a vil infânia
De inimigos crueis, de falcos peitos,
Com a força, e valor de hereicos feitos.
Mas que vejo? que admiro? o Heroe Ex-
celso

Alli esti recostado: no semblante
Transluz a Magestade, cujo excesso
He Indice cabal do ser poçante.
Que gallarda prezencia lhe conheço!
Taõ nobre, taõ gentil, e a cada instanto
Reverberão por huma, e outra parte
De Adonis as feições, valor de Marte.
He preciso acordá-lo, porque veja
Do meu ardente affecto a fé mais viva,
E conheça tambem quanto deseja
A vontade servi-lo de excessiva.
A' Grego valerozo. Em mim sobeja
A glória de admirá-lo taõ activa,
Que não posso deixar, no que me insâna,
Es este empnho. A' Ulisses. *Con a voz
alta op' delle.*

Uliss.

Nova Comedia Heroica;

Ulf. Quem me chama! *Recorda*, e
levantar-se.

Pol. Eu sou, famoso Heroe, que a
vizitar-te

Aqui em estas praias venho agora,
Vê, que estavas aqui em esta parte,
E naõ quiz neste gosto ter demora:
Politio, hum Vate sou, p'cem já de parte
Todo o fusto que tens, vem para fóra,
Que te quero já ver nestes meus braços,
E com tigo firmar eternos laços.

Ulf. Deixar naõ poderet, vate fa-
mozo,

De a teus pés me prostrar cheio de gloria;
Pois só Por ti serei o mais ditozo
De quantos nos anais escreve a historiá.
D'huni poio, a outro poio portentozo
Meu nome chegará, cuja vangloria
Só aqui adquerida sem desvio,
Me ronova o prazer, me augmenta o brio.
E vós todos amados companheiros
Recordai, vinde ver tanta ventura, *Le-
vantar-se* todos.

E sabei que nós somos os primeiros
A quem Polibio amante nos procura:
Se percizo nos for fortes guerreiros
Seremos, de percizo de brandura
Uzaremos, que tendo tal escudo,
Quem se ampára do Tejo vence tudo.

Phil. Salve Vate preclaro, e venerando
A quem Jupiter deo por excellencia
Do facturo faber o grande mando,
Com rara primazia de Eminencia:
Neste porto famoso procurando
Vimos todos amparo com ferquencia,
A fortuna cruel, que nestes mares,
Nos vimos padecer com mil pezares.

Pirr. Aqui nosso soccorro, e senhorio
Vimos todos buscar, naõ por acazo,
Por mandado dos Deozes, sem desvio,
Que nos troceraõ cá muito a seu prazo.
Destas agoas gastando, novo brio
Cobraremos por Luzos; e no razo
Campo de Mavorte, mostraremos,

De Gregos, e de Iuzos mil extremos.

Pol. Capitão valoroso, filho amado,
E vós todos tambem vinde a meu peito,
Accitai neste abraço o meu cuidado,
Que fera para vós o mais i'erteito.
Por Górgoriz este Reino he governado,
Vizita-lo convem, que a seu respeito
Esta acção he devida, e mui bem dada
Como Rei, e senhor dessa morada.
Vai, sim: parte depressa, e só agora
O teu desvello seja, e tu cuidado
A Górgoris buscar, sem mais demora;
Ulisses, que te importa a teu estado.

Ulf. Obedecer-te, senhor, vou nel-
ta hora

Leostenes mandarei logo aprecado;
E por gloria cabal do meu desejo,
Como a pai tua maõ humilde beijo.

Quer *Ulfes* beijar-lhe a maõ; porém
elle recuza, e olevanta nos braços.

Pol. Com que gosto te aceito esta
finezza

Heroe exclarecido, e preeminenté,
Cuja sempre sublime, e alta empreza
Héi de ter (como devo) em mim pre-
zente.

Apartar-me he forçozo, e na certeza
Te fica de meu filho eternamente;
Pois como n'alma teve amor se ingasta,
Ou eu ditozo, ou tu ditozo, é basta.
Aqui, Preclaro Heroe, huma Cidade
Fundar te manda o Ceo tão excellente,
Que servindo de assombro a toda a idade,
Será patria gentil de heroica gente:
Hum mundo abreviado. Fim Magestadé
Outra naõ haverá mais preeminenté:
Que a todas as dô mundo a palma toma;
Perdoe a Alta Cartago, a Augustá Ro-
ma. *Vais.*

Ulf. Já, caros companheiros nos am-
para

Neste anuncio que vedes mais, a forte,
Pois

Pois com tanto favor, e dita rara
O descanço teremos neste Norte :
De Górgoris se busque hoje a Preclara
Magestade, ante a qual com zello forte,
Leostenes lhe dê parte, que chegados
Somos á Lusitânia, pelos fados.

Phil. He justo Heros famozo, he
acergado,
Leostenes parta logo, e lhe dê parte,
Que em seus Reinos estamos, cujo estado
Hum gosto universal em nós reparte.

Pirr. Em nonic de nós todos des-
velado,
Com facundia lhe diga, e mais com arte,
Que esquecidos de Gregos Luzos famos,
E seus vassallos todos nos chainamos.

Uliss. Para as náos nos voltémos sem
demora,
E nellas se perpare com empenho
Hum precente Real, cuja melhora
Lhe mostre, que em servi-lo gosto tenho.

Phil. Sim, Leostenes lhe diga por agora,
Que do quanto escapou no fragil lenho:
Este nada, esse pouco lhe offerecemos
Por feudo, e por tributo do que temos.

Vaõ-se todos para os escaleres, e delles
para as náos. Mudar-se-ha a Scena
em vista de jardim. Sabem Calipso,
e Thebandra.

Cal. Naõ me afflijas Thebandra, que
naõ posso

Maior dor seportar. Nesta agonia
Tudo encontro molesto, tudo vejo
Contra mim conjurado. Mais afflita
Quem viver poderá? ah! tú me julgas
Incapaz de sentir? Nestas desditas
Hum triste coração, que fazer pôde?
O remedio me dá Thebandra amiga.

Theb. Princeza Augusta, já serena
o pranto,
De ti propria naõ sejas humeçida,
Põem de parte o pezar, porque naõ deves
Entregar tanto á dor tua desdita.

Górgoris, que he teu pai Rei Soberano
Ignora esse teu pranto, e enelle sia;
Pois sabendo, que tu naõ es goitoza,
O gosto te fará, como lho digas.

Cal. Sim, amiga Thebandra, tê
prudente

Nesta minha astlicação muito me animas;
Mas Palante teimozo com El Rey
Pelo meu casamento aperta, e insta.
Meu pai está indecizo, e só espera
Minha rezolução. Aqui delira
Todo o meu pensamento, aqui desmaia
Meu alento vital, tudo aqui finda

Theb. Ah, naõ! Princeza, n.º 5, sus-
pende o pranto,

Serena o bello rosto, e torne o dia,
Que eclipsada a beleza de teus olhos,
He tudo confusaõ, tudo mosina.
Desafoga da dor, e põem de parte
Esta magoa fatal, que te horroriza,
Naõ quieras, com funestas consequencias,
O remedio buscar ás agonias.

Senhora: El Rey teu pai he ignorante,
Que vontade naõ tens na Regia liga,
Que intenta com Palante, pois Sabendo,
Que naõ he de teu gosto, dezunidaq
Aliança fará do cazaunato:

Logo, assim, desta forte, tudo fica
Pela tua desculpa bem frustrado;
E quando teime Palante na profia
Do querer ohrigar-te fervoroso,
O tempo tudo acaba, e facilita:
Bastaõ princeza já tantos pezares.

Cal. Sim, amiga Thebandra; mas os
dias

Que meu pai me otorgou para a resposta,
A manhaã fazem termo, á manhaã findaõ.
E valor poderei ter para tanto
Na prezença do Rey? á sua vista (creço
Thebandra, hei de dizer sim, que abor-
Este laço, em que huma paz tanto se
arrisca?)

Naõ posso, eu neste estado, na verdade,
Me contemplo porplexa, e indecisa:

O reme-

O respeito me dá , pois o offereceste,
Se não queres meu mal , e se es omiga.

Theb. Sim , amada Princeza , e quanto estimo

O poder-te agradar a razão minha ,
Na qual hei de estimar aches soccego
A dor , que tão cruel te martyriza ,
A teu pai lhe dirás , que não concente
Teu amor excessivo dividiida
Estar da sua vista , na qual queres
viver , sem aspirar a ser Rainha ;
E que de tua mãe , tambem não podes
Apartar-te , e deixar suas caricias :
Que d'ambos separada , em tanta megoa ,
Viver não poderás nem hum só dia .
E com isto mesclando ternoo pranto
A seus pés humilhada , e mais rendida
Lhe dirás o que digo , porque ElRey
Como pai te fará o que supplicas.

Cal. A Thebandra : e se ElRei todo enojado

Os affactos de pai trocar em ira
Ouvindo o meu repudio ? que farei
Neste lance fatal , nesta agonia ?

Theb. Não , Princeza , não temas ,
que teu pai

Extremozo te adora como filha ,
E não sendo teu gosto este contrato ,
Sim , elle o desfará se o tú duvidas .
Mas dize : que razão contra Palante
Para tanto desprezo assim te obriga ?
Palante não te adora desvelado ?
Não he Príncipe invito ? mil Províncias
Não governa seu pai ? nas perfeições ,
Nos dotes liberais tanto não brilha ?
Não he docil , attento , não he sábio ,
Discreto ? na prudencia não domina ?
Nos Reaes ettributos per egregios
A fama não lhos canta , e lhos publica ?
Quanto pôde a razão do Real sangue ,
Não ostenta gentil , não goza á riscas ?
Logo , se isto assim lie , bella Princeza ,
Em favor de Palante deixa as iras ,
Modera essa avergação , prede o rigor ,

Ao Príncipe te mostra mais benigna .

Cal. Tudo goza Palante , he bem verdade

As heroicas accoens quem lhas duvida ?
Mas não posso Thebandra no meu peito
Colocar sua imagem . Estrela impia
Me faz aborrecede-lo , sem que possa
Moderar-lhe o rigor , que me conspira .
A causa eu a ignoro , eu a não sei ,
O meu fado a querer-lhe não me obriga .
Nisto estou rezoluta , sim Thebandra ,
Ou seja em mim rigor , ou tyrannia

Theb. Basta , bella Princeza , eu já
não teimo ,

Qué adores a Palante . Nesta lida
Te concedo o troféo , porque molesta
Te não quero mais ser em quanto viva ;
Agradar-te pertendo , como serva ,
Princeza idolatrada , e tão querida ;
Tua Alteza me dá as suas ordens ,
Para nelas mais ter' em que te sirva .

Cal. E's discreta , Thebandra , és muito sábia ,

Com a tua prudencia me cativas :
Por agora deixemos estas couzas
Demos tregos ao mal , finde a desdita ;
Daqui nos apartemos , que vir podem
A Rainha , ou ElRei , onde he precize
A minha diligencia hir procura-los
Antes que me procurem .

Theb. He devida

A tua promptidão , bella Princeza ;
Vamos , eu te obedęço , que feria
Acção indecorosa mais fallar-te
Em couza que te afflige , e peneliza :
Vamo-nos pois .

Cal. Primeiro quero attendas
Ao que vou a dizer-te nestas lidas ;
Porém ah , que não posso ! pois occulta
Este minha paixão fatal iguima .
Partanios já Thebandra , que saõ horas .

Theb. Eu te figo , senhora . E'minha vida
a parte , andando .

Vi maior confuzação . Esta Princeza

Parce no que faz, que já delira. Vae-se.

S C E N A II.

Vista de Palacio com falias adornadas lustrozamente. Sahem El Rei, a Rainha, e Calipso.

Rey. P Rinceza, que pezar tyranno,
e forte.

Te assige, temigão, e dá tromento?
Como aquella alegria, aquelle rizo,
Que em ti tanto brilhava ja não vejo?
Que motivo tens tú, , filha Calipso,
Que te possa causar tal sentimento?
Teu pezar me publica, dize, filha;
Não me deixes Calipso mais suspenso.
Tal-vez saó saudades de Palante
A tristeza que habita no teu peito?
Pois não, Princeza, não, põem já de parte
Essa couza fatal, esse veneno.
Aqui tens a Palante, com teus olhos
Essa mágoa destroa Palante vendo:
Porque neste retrato quer servir-te

Moftra-lhe o retrato.

Com empenhos de espozo em mil des-
vellos.
Vê, e como he gentil, como he bizarro!
outro não haverá ser tão perfeito.
Mas tu ficas suspença? tu não falias?
Teu rosto se desfaria, e vai perdendo
Aquella gentil graça, que fazia
Em ti resp andecerem mil incendios?
Quando o principe tem tantos motivos
Para muito o amares com empeuh,
Fetas mostras deliquios só de ouvires
Suss prendas barra-lhe, e seus portentos?
Teu sposo quer ser, a Regia Croa
Te quer só na caleça do seu Reino.
A lém disto hum amor o mais constante
Para ti de leal, nelle contempo.
Logo se isto assim he, como tú filha
A Palante não queres? Teu intento
Em que fizada a razão deste repudio?

Por ventura saraõ outros desvellos.
(E tal-vez não me ingane a minha idéa)
Que te estroverem querer esse Hímeneo?
Dize filha, o que sentes, que agastar-me
Não hei de contra ti: eu te premetto
Approvar-te o teu gosto, e tua mui
Por fiocego te dar fará o mesmo.

Cal. Rei, pai, e senhor, mái adorada,
Bem tanto molestar, nestes excessos,
A vossas Magestades; pois quizera
Só comigo passar estes trumentos.
Eu pedeço, e não sei, como já disse,
O motor deste mal em que me vejo;
Porém para dizer tudo o que finto,
Como filha, e vasalla te obadeço,
Desde a hora, senhor, que me disfestes
De Palante o projeto, e seu intento,
Em definhais minha alma, tal ouvindo,
Se queria apartar cá do seu centro.
Reparei seu impulso acelerado,
Fazendo da fraqueza forte alento;
Porém logo o valor diminundo
A violencia maior ficou fedendo;
E qual débil columna, em mil pedaços,
Ficou feita, senhor, com tanto peso.
Mil vezes, Pai amado, procurei
De Palante aceitar seu nobre affecto;
E outras tantas, não sei que repugnancia
Me obrigou a feder ao adverso
Impulso desta forte antipatia,
que não sei donde tem seu nascimento.
O Principe Palante he muito digno
De cazar com a herdeira d'hum Imperio,
Pelas gracas gentis do seu semblante,
E por ser entre todos mais Egregio.
Bem fache o Ceo o quanto pezaroza
Estou de não convir no seu desejo;
Mas impulso maior he que me obriga
A deixar a Palante, e aborrecedê-lo.
Não posso amado pai por mais que o in-
tentate.

E a teus pés, humilhada, neste aperto,
Te pello mil perdoens de não convir
Com Palante no Regio casamento,

Pois

Nota Come lha Heroica

II

Pois se he eu'pa, senhor, naõ aceitar
Este laço, em que mostras tais empenhos,
A mim naõ me atribuas, sim ao fado,
Que me faz recuzá-lo quando o quero.
Sabe o Céo quanto sinto este repudio
E quanto para mim se faz molesto ;
Porém quem rezistir pôde Senhor,
A feus inalteraveis movimentos ?

Rei. Está bem, por agora se naõ trate
Mais em esta materia que dissemos:
E tu filha, coloca-te em meus braços,
Perde já do teu mal os sentimentos.

Rain. Ah, naõ Princeza, naõ mais te
molests,
A teu fado obedece, que naõ temos
Os humanos poder para evitar
Os destinos, que aos Deozes saõ sujeitos.
Assim, *Rei*, e senhor, com a Princeza
A sua aya, he razão, que lhe deixemos,
Para que com seu canto se divirta,
Que saõ doces, e lin los seus requebros.

Rei. O'la, venha Thebandra sem de-
mora,
Tragaõ-lhe para aqui os instrumentos,
Minha filha divirta com cuidado,
Que pelo assim fazer terá bom premio.
A Deos filha: suspende a tua pena,
Naõ te deixes levar do seu violento,
Que pôde o seu rigor, por apressado,
Ser motivo de algum cazo funesto.

Rain. Eu tambem he precizo que te
deixe,
E que El Rei acompanhe como devo :
Desterra o teu pezar, filha, desterra,
Acabem da tristeza os susitos feios.

Sabe Thebandra, e ajoelha.

Theb. Ateus pés, Rei Augusto, re-
verente
Meu cuidado procura com excessos
Saber em que te possa, como escrava
Servir, no meu humilde, e fraco prestimo.

Rei Sim Thebandra, mandei, que te
chamassem,

para que devirir-se meu ingenho

A Princeza, que ha dias, que padece
Cuidados, que lhe saõ muito molestos.

Rain. Pois como tu com ella te cre-
aste.

E sabes da Princeza todo o genio ;
Alivio cobrará cantando tú,
Que he suave o teu canto, doce, eterno.

Rey. Mostra nas tuas vozes, por so-
noras,

Todo aquelle primor dos teus alentos,
Que se alegras Calipso dos pezares,
Hum bô premio Thebandra te prometto.

Vai-se El Rei, e a Rainha.

Cal. Thebandra, amiga, tu pertendes
dar-me

A meu mal o remedio no teu canto ?
Naõ sei se poderás; pois he tão forte,
Que eu mesmo, que o padeço o naõ al-
cenço.

Porém canta Thebandra, e queira amor,
Que saõ tuas vozes meu amparo ;
Pois ás vezes se encontra o lenitivo
No que menos parece vir ao cazo.

Theb. Verei, bella Princeza, se esta moda
Por ser nova de ver-te o teu cuidado ;
Pois he a sua letra d'um Poeta,
Que os louros só deseja contra os raios.

A R I A - I.

Canta. Contra Páris injusto
Vão os Gregos e m furia,
De Meneçao a injuria
Valentes castigar.

Entre todos Utiles
Dos Heroes maravilha,
Por bizarro mais brilhâ
Com passo singular.

Cal. Ai Thebandra, que gosto em
tuas vozes

B ii

Nesse

Nessa letra, tão bella, tu me has dado!
Quem será esse Heroe, que aos outros

Gregos

Excede em duas couzas tão bizarro?

Theb. Eu senhora, não sei, porque
esta letra (to;

Huma amiga ma deo hoje em meu quarto;
E por ser moda nova ta cantei,
Perdoa se não hê do teu agrado.

Cal. Ay Thebandra, tal he o seu
canceito,
Que junta com o teu descreto garbo,
Me deo tal alegria, que te peso
A contes novamente, anda dá cápo.

Theb. Canta. Contra &c.

Cal. Outra vez, ah, Thebandra, des-
fa letra
Me renova o prazer seu modo raro,
Que entrando nos ouvidos seus assentos,
Emprimê na minha alma o seu treslado.
Eu não sei que alegria agora sinto
No meu peito, com modo extraordinario;
Pois quando padecia de tormento,
Em gosto se mudou com breve espaço.
Que inigma será esta? que feitiço
Esta letra em si tem? que novo encanto?
Que assombro, que prodigo, que me faz
Andar o coração eu sobre saltos?
Porém seja o que for, como me tira
De triste padecer tantos cuidados:
Vai cantando, Thebandra, e d' huma vez
Acabem meus pezares deshumanos.

A R I A II.

Canta. Já Troia abrazada,
Theb. Entre a sua ruina,
Huma dama peregrina
Encontra alamentar,
A qual rendido amante,
Amor lhe sacrificia,
Que adama entre caricias
aceita a suspirar.

Mas que vejo Princeza! seu semblante
Ostenta novamente carregado?
Não te alegra meu canto? já não gostas
De ouvires destas letras seus compaços?
Que razão pôde haver a tal mudança?
Dize amada senhora? Por acaso
Algum novo accidente no teu peito
Produziu essa dor em que te acho?

Cal. A' Thebandra, Thebandra, o
teu descurso, (do;
No meu mudar de affecto, he bem funda-
Porém eu que padego esta violencia
Donde nasce não sei, porque a estranho.
Eu o pressia vivia nos pezares
De huma forte poixaõ, em que meu fado
Não sei porque motivo me affligia,
Na rigor mais cruel, e mais tyranno.
Palante pertendeo ser meu consorte,
E quando o tal avizo me foi dado,
Toda aquella alegria, que gozava
De mim se transferio. Somente o pranto,
A dor, o sentimento, a magoa forte
Na minha alma viviaõ enlaçados.
Pois vendo a sem razão do meu sentir,
Não me havendo Palante molestado,
Muitas vezes quiz ver se desfraria
Do meu peito averbaõ, que tanto dâno
Me tem Thebandra feito o seu rigor.
Meu pai, como tu sabes, desvelado
Procurando-me dar algum alivio,
Te mandou divertir-me com teu canto;
E foi tal sua graça, que me fez,
Desfarrar do meu peito o seu cançasso.
Pois quando imaginei, que a minha pena
Com teu canto, se fossé hoje acabando,
Vejo que novamente dois effeiaos
Produziu elle em mim muito contrarios.
Porém dize-me tu, Thebandra, amiga,
Que couza pôde haver (eu me arrebato)
Que ouvindo-se louvar algum sujeito,
De valente, gentil, prudente, e fabio,
Levante em qualquer peito que isto ouve
Movimento de vello, e venerallo?
Que effeito terá este tão vehemente?

Def-

Descobre-me Thebandra o seu arcano.

Theb. Esse efeito, senhora, que pregunta,
Com o nome de amor he nomeado.

Cal. Amor! pois como assim sou presente

A cauza que esse efeito está causando,
Pôde a tanto obrigar?

Theb. Pois tu não sabes,
Que o amor se tem olhos saõ vendados;
E tanto fere a seta no seu tiro,
Como mata a rijeza do seu arco.
Nada delle se izenta, nada escapa,
Como Deos tem dominio em tudo amplo.

Cal. Bem está, he amor; porém agora
Novamente te quero hir' preguntando:
E quando esse fogoito a quem se quer,
A outra Dama vênera, e faz agrados
Vendo aquella, fazer-lhe estas finezas,
Lá comigo se está toda matendo?
Que impulso ferá, este tão violento,
Que lhe muda em fadiga o seu descanço?
Em disgosto o prazer; e até parece,
Que aborreço o fogoito venerado?
Decifra-me este emblema, que o não sei
E dejeja fabello os meus cuidados.

Theb. Esse efeito, senhora, que pergunta

De quem sentes os fortes sobrefaltos,
He hsi monstro feróz que veio ao mundo,
Para ser vil algóz dos namorados:
Saõ zellos.

Cal. Zellos saõ Thebandra amiga
Os motores erneis de tantos daninos?
Tais efeitos produzem esses monstros?
Pois daqui te portesto alandona-los.
Porem, dize-me tú, não pôde haver
Num peito adoraçao sem esse encargo
Que força pôde haver que tal motre?
Saõ anexos os zellos? saõ forcados?

A quem chega a querer algum fogoito,
Se por acazo o vê em outros braços?
Sem zellos não se pôde querer bem?

Theb. Não, amada senhora, porque
custa

Hum preço; essa fazenda muito caro;
Pois quem chega a querer algum fogoito,
Por força hade sentir esses aballos.

Cal. Logo zelos, e amor andão unidos?
Theb. A ti pôdes senhora perguntar-lo.

Cal. A mim?

Theb. Sim a ti mesma te pregunta,
Porque tu saberás tudo mais claro.

Cal. Pois eu conheço amor? eu sei
de zellos,
Para ser quem me vâmesma informando?
Como pôde isso ser, quando ignorante
Eu ti procuro a luz a meu o cazo?
Não me tenhas, Thebandra, mais sus-
pença,

Se alivio me não dás, eu nisto acabo.

Theb. Progundo-te, senhora: quando
ouvistes

Cantar daquella letra os alternados
Louvores, que de Ulisses publicava,
Por ser entre os mais Gregos mais usano,
Em gosto naõ trocastes teus pezares?
E naõ me entrecedesles com espanto,
Que tornace a cantar a mesma letra,
Por ser ella a que gosto te hia dando?

Cal. He verdade Thebandra, eu te
mandei

Decejoza de ouvir pelo teu canto
Desse Grego a quem tu chamas Ulisses
A tributos que o fazem excetuado,

Theb. E não te deo prazer esse louvor?

Cal. Sim, Thebandra, eu não posso
já negar-to.

Theb. Pois, Princeza, esse efeito
que sentis

He amor, porque delle foi cauzado:
Porque se amor, não fora, não faria
Que tú foses da letra hindu gostando,

Cal. Está bem: porém logo tñ se-
guido

Desse letra o discurso nos compafós,
Me tirou a alegria, e fez sentir
Hom tromento maior do que o passado.
Pois te affirmo, Thebandra, c'omil veras,

Que

Que me sinto, por elle, experimentado.
Tão forte fernezim, que me parece
Se senão moderar, que nelle acaho.
Ah! dize-me, Thebandra; desse excesso
A cauza que me faz sentir seu danno.

Theb. A letra que eu cantei não publicava,

De encontrar huma Dama nos êstragos
Da Troia o mesmo Ulysses? e rendido
Lhe offrecer de seu peito os holocaustos,
Que ella logo aceitou delle cativa?

Cal. Sim. (nos.)

Theb. Pois essa he a cauza de tass dâ-

Cal. Pois este fernezim, Thebandra,
dize,

He o monstro, fatal de que fallamos?

Ah quanto dizes bem! porque os zellos

Me fazem padecer crueis desmaios.

Theb. Porém dize-me tú, Princeza,
dize

Tens paixão por Ulysses? fazes cazo

De que adore essa Dama? Que tem porta

De quem tú não conheces os agrados,

Para tantos sentires seus efeitos?

Cal. A razão te concedo. E se for-

gados

Me motivas sentinelos, como posso

Deixar Thebandra amiga de patífolios?

Impulso superior, por meu castigo

Tal-vez, porque a Palante abandonado

Tenho, he que me faz, que sinta, e pene

De hum amor, e de huns zellos seus fra-

cazos

Paciencia terei nestes tormentos

Até que o Ceo premita aliviar-mos;

Pois talvez, dessa forte, que algum dia

Minha estrella se cance, e mude o campo.

Theb. Sinto amada senhora, ser mo-

tivo.

Dos pezares que estas expremendo,

Porém eu te prometto em minha vida
Tal letra não canrar, que te deo tanto
Desgosto, e sentimento; pois desço
Teu alívio, senhora, e teu descanço;
Esta letra, de Ulysses, que te aflige
Da licença que faça e mil pedaços;
Porque justo não he que se conserve
A causa desumana do teu pranto.

Cal. Ah, não Thebandra! não, antes
contigo

A conserva mui bem, e com resguardo,
Que se ella me deo gosto, pouco importa
Me motive, também, esses cuidados.
Agora te supplico que me deixes
Ficar comigo só em este quarto;
Porque ás vezes hum triste, só consigo,
desafoga pezares, queixas, prantos.

Theb. Reverente, senhora, te obedego:
Guarde o Ceo tua Alteza por mil annos,
E te livre de amores, e de zellos;
pois com elles terás muitos enfados.

Vai-se Thebandra, e fica Calipso

Cal. Entre extremos diversos meu
cuidado

Se contempla proplexo, e indeciso:
A Palante aborreço, e he preciso
A's leis obedecer d'um cruel fado.
A hum estranho de mim mesma ignorado
Adoro, (eu de o dizer perco o juizo)
Com empenho tão forte, que este avizo
Mais parece loucura do que agrado.
Palante, seu amor firme me offrece:
Ulysses me dá zellos deshumanos:
Hum se lembra de mim, outro se esquece
Mas meus fados são taes, e tão tyrannos,
Que me fazem deixar quem me appetece,
E querer a quem só me causa danno.

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO

ACTO SEGUNDO

SCENA I.

Sabens a Rainha, e Calipso.

Rainha. D IZE, filha adorada, como sentes
Teu peito da tristeza?

Teus. sentidos

Já deixáraõ de todo os sentimentos?
O canto de Thelandra foi alívio
A teu grande pezar? Naõ calles filha,
Naõ me negues o gosto em referilo:
Tudo, filha, me dize como passa
Para dar-lhe o remedio; pois estimo
Mucho mais teu alívio do que o Reino.

Cal. Sim, oh Mai adorada, eu fui
te afirmo,
Que o canto de Thelandra por suave
Nos meus males me dão muitos alívios;
Porém logo esse canto duplicou
Novamente á minha alma outro mal tyriõ
Com impulso tão forte, que inda agora
O pezar mais violento passo, e finto.

Rain. Que razão pôde baver, que
novamente
Te duplique o pezar mais excessivo?
Naõ dezias, Princeza, que Palante
Era a causa fatal dos teus martyrios?
E teu pai, por teu gosto, naõ desfes,
De Palante o consorcio appetecido?
Além disto tambem naõ te mandou.
Por Thelandra nos doces solstícios,
Que desfes a teu mal toda a melhora?
Pois logo que razão tens tu Calipso
Para novos pezares como dizes,
Que padeces com males repetidos?
Eu seponho, Calipso, que essas mágoas
Em ti são elusórias, ou faõ delírios,

Cal. Oxalá, que Thelandra naõ manda

Com seus cantos a dar-me lenitivos;
Porque se elles naõ forão, naõ sentiria
Novos males, e penas como finto.

Rain. Do canto de Thelandra te nai
ceo

Esse novo pezar, que em ti diviso?
Naõ difses que nelle logo achastes
Melhora áquelle mal tão desabrido,
Causado por Palante em te querer?
Pois como agora dizes, sem juizo,
Que esse canto te deo novo tormento,
Mais forte que o primeiro duro, e rijo?
Naõ te intendo, Calipso, pois teu mal
Em vez de compaixão, motiva rizo.

Cal. Com razão, nái querida, cf
refposta

Merece o meu dizer por ser felirio;
Mas he tal seu rigor, que até me imped
O poder publicar isto que digo;
Fais nessa confusão de anicr, e zellos
Mettida num confuso labirinto,
Naõ, qual outro Thereo, com humi
monstro; (do,
Mas com dois mias tyrannos m'lei metti
Sem o fo encentrar para tirar-n-e,
Da cruel sem razão do meu destino.

Rain. Novamente progrunto: e co
nico o canto

De Thelandra te deo, pena, e regozijo
Cal. Eu, senhora, naõ sei porqu
ignoro

Desse canto os effeitos que publico.
Cantou Thelandra; e logo nova glori
A meu mal fui achando no princípio,
Que passaraõ a ser recreio dalmá
Os assentos que entraraõ nos ouvidos.

Vendo tal lenctivo, meu cuidado
Lhe pedio, que me fosse repetindo,
Aquele doce canto, que em prazeres
Me mudava da dor os incentivos.
Cantou segunda vez: aqui, senhora,
Te pello me não culpes no que digo.
Cantou, torno a dizer; em altas vozes
Do seu canto, taõ bellas, vou ouvindo,
No peito o coração em fúria acezo,
Vou logo experimentando de improviso:
E querendo abater-lhe o forte impulso
Possivel me não foi no tal conflito;
Pois a força que tem he de tal forte,
Que feder-lhe me faz o tal prodígio.
Desta forte, senhora, me contémpro,
Vê se faz compaixão; ou causa rizo.
Quem padesse hum tronento deshumane,
E não sabe já mais donde he nascido.
E Vossa Magestade como sabia
Me dicis este inigma que refro,
Que ignorante minha alma desta causa,
Seus arcanos lhe são muito escondidos.

Rai. Está bela; mas que letra foi a quella, (lo)
Que conceito incerrava, e mais que estyl-
Para dar-te alegria, e pezar logo
Num tempo sem d' mora, e de improviso?
Impossivel, Thebandra, me pareisse:
Repete-me essa letra, e como he isso?

Cal. De Thebandra, senhora, a sua
letra.
Dizia em como os Gregos percavidos,
Contra Troia marchavaõ ábrazala,
Porque de Menelão roubou os brios.
Mas hum chamado Ulises entre os mais
Por valente, bizarro, e destinido,
Só brilhava com graça taõ sublime,
Que era assombro de Marte, e de Narciso.
Eu mal que ouvi, senhora, desse Ulises
Attributos de Heróe, e tanto minho,
Logo na alma senti, e não sei como
Hum gosto, que me deo gosto infinito.

Rain. Se tal gosto te deo, como pezar
Dizes te motivou taõ desabrido?

Cal. Novamente cantou, e nesse
canto

Dizia em como Ulisses nos vestigios
Da Troia destruída, alli achara
Huma dama gentil, e que rendido
A' sua formosura por amante,
Lhe fizera do peito sacrificios.
Eu mal que ouvi, senhora, este dizer
(Hyperbole não pareça o referilo)
Senti na alma tal dor, que em sentimento
Me mudou todo o gosto, como digo.
Pois nesta confusaõ, sem saber como,
Minha vida acabar de todo fiato.
Assim julguã, senhora, se o meu mal
Motiva compaixão, ou causa rizo.

Rain. Sem duvida lhe fes do Grego
Ulisses. *á parte.*

O louvor em preças, pelo que infiro,
Em seu peito inocente, e sem demora
Amor lhe concebeo logo Calipso:
E por isso com gosto quiz ouvir
O canto novamente reperido.
Porém como o tal canto na verdade,
De adorar outra dama dava indícios,
Dos zellos a paixão lhe fez sentir.
Taõ violento rigor por desabrido.
Della causa Princeza que me contas,
os efeitos que sentes no conflito.
Para ti são ocultos, e não posso
Dezer-tos, filha, não, que prohibidos
A's peffoas da tua qualidade

Saõ. Não teimes mais, basta o que di-
go. *Andando para o bastidor.*
Cal. Outro novo pezar! Ah mai que-
rida:
Com que não posso (suspiro forte, e im-
prio !)

Por Princeza nascer a fatal causa
Saber da minha dor, e meu martyrio?

Rain. Não, como já te disse: he es-
cufado
Mais de mim não esperes outro aviso;
E quando não verás mas El Rei
chega,

fique

Fique o nosso dizer aqui supito.

Sabe El Rey.

Rei. Rainha Augusta, filha idolatrada,
Vosso Bragão me dai de mim queridos;
E fhei que vos trago grandes novas,
Cujas são para mim altos prodigios.

Rain. Pois que novas são essas grandes
Senhor,
Que tanto vos confundem o juizo?
Dize-as, sem demora, que appeteço
Saber tal novidade, e tal pordigio.

Gal. Mén paí, Rei, é Senhor, se são
de penas
Deixe-me retirar, que meus ouvidos
Já não podem sofrer maiores mágoas,
Das que triste padesso de contíno.

Rei. Não, Princesa querida, antes
se ponho,
Que gosto nos darão pelo que infiro.

Rain. Dar-nos, gosto, senhor? pois
como assim

Eu quizeria saber o seu motivo?

Rei. Cleandro, meu criado, esta
manhã

Me disse, em como andando divertido
A caçar nesse bosque, divizára
Hum Armada chegar, e entrar no rio;
E que logo deixando lanchas fôra
Para terra chegavão dando gritos.
E por saber melhor os seus intentos,
Mais perto se chegou sem ser sentido;
E nesta diligência claramente
Vi o bem, cheio de espanto no conflito
Huns homens nas figuras tão sublimes,
Nas armas, ho fallar, e nos estylos;
Dos nossos tão diferentes pelos trajes,
Que parecem dos Deozes produzidos.
Mas que todos a lhe com reverências
De aspecto Magesto, e mais alto
As orlens procuravão; e seguirão
Todos cheios de gostos; e regozijos,
Por que como lhe Ignora o seu fallar,

Idioma que delle he desconhecido,
Não lhe pôde saber de seus intentos,
Por mais que o procurou com mil senti-
tidos:

Estas, Rainha, e filha são as novas.
Rain. E Vossa Magestade lá consegui,
Que infere dessa armada vir aqui,
Cheia de homens de nós desconhecidos.
Por ventura, senhor, virão de paz,

Ou piratas serão alarcionados
Costumados? Tal vez virão roubar-nos.
Como já vezes mil tem' sucedido,
De outros tais como esses similitudes
Com capa d'amparar se dos perigos
Do mar, que os arrojou à essas praias?

Rei. Não, Rainha, segundo por Cle-
andro

Me foi bém expressado, e me foi dito.

Cal. Oh se os Deozes quizessem, fosse
Ulisses, á part.

Que nessa armada ventia descreido
A buscar reparar-se, ou a viver
Na luza terra, e nella o ver Califão!

Por offerta fizéra a Vénus bella,
(Também seu filho o deos Cupido)

Da minha alma o melhor; e em feus al-
tares

Ardera deste voto o sacrifício.

Rei. Que o modo que mostrava hera-

E que todos nas praias com carinhos
As areás beijavao reverentes,

Com grande sumissão, e mui tranqüilhos,
E podemos tirar destas acções,

Que de algumas tromentas percegidos
Foste porto tomalem para nelle

Perpararem missor os seus Návios.

Mas se elles pertenderehi o contrário,
Sabefei de tal sorte confstrângilos;

Que farão na verdade, quando o in-
tenten;

Que a Lusitânia he também de infiuros.

Rain. Bem gran senhor, o tempo

mestre

C Des-

Destes Nautas, que dizes, seus desígnios,
E nelles se dará remedio pronto
Como a nós nos convém, e he devido.
Pois como já saõ horas, Vossa Alteza,
Nos conceda licença para hir-nos.

Rei. He mui justo e eu tambem da-
qui me aparto
Que acodir aos despachos he preciso.

S C E N A II.

Vista de mar com armada, e dezem-
barque em terra dos Gregos.

Uliss. C ompanheiros fieis , segun-
da vez

Pizamos reverentes estas praias ;
Pois só nellas espero por benignas ,
Que acharemos remedio ás nossas ancias:
Eu quando vou trilhando estas areias ,
Sinto tal regozijo na minha alma ,
Que cheio deste gosto o coração
Com impulso violento alegre salta.
Isto inferra mysterio amigos caros :
Veremos o que o fado ordena , e manda.

Pirr. Capitão valoroso , Augusto U-
lisses ,

A quem para amparar-nos o Ceo guarda ,
Escuta , e saberás deste meu peito
Sobre a mesma materia o quanto aliança.
Eu desde a vez primeira , que pizei
Destes porto as areias aurisfradas ,
De alegria senti no coração
Efeitos tão suaves , que julgava
Nos Ilízios estar , como imortal
Gozando a companhia dessas almas ,
Que em descanso felis , e paz alegre ,
Habitaõ suas lucidas instâncias.
Sendo tanto o meu gosto neste estadio ,
Que por elle me não lembro da patria .
Oh se os Deozes quizessem compassivos ,
Que nestas regioens tão celebradas
Pode-semos viver ; meu gosto forá ,
Nunca mais me apartar da Luzitania !

Pirr. Eu tambem , se dizer hei de a-
verdade ,
Darei Augusto Heróe , com gloria tanta
Que desde aquelle dia , que passoi
Do Tejo celebrado suas agoas ,
Já mais me recordei de que era Grego ,
Nem da patria tambem tive lembranças .
Sendo tanto o meu gosto , e tão ativo
De me ver nesta terra soberana ,
Que antes nella quizera viver pobre ,
Do que noutras gozar muita abundancia .
Eu por nella viver escravo forá ,
E servira ao Senhor que nella manda .

Uliss. Gompaheiros amados descans-
cái ,
Que os Deozes compassivos nos ampáraõ :
Elles cá nos troxerão , elles mesmos
Tutelares serão da nossas causas !
Leostenes se perpare , e parta logo
Ao Rei Luzo a levar nossa embaixada ;
E nella lhe dirá , que não a cazo
A seu porto chegamos com estranha
Outadia ; mas sim que pelos Deozes
Gonduzidos chegámos com armada !
A seu Reino ; e que nelle dese jamos ,
(Sem da patria já mais termos lem-
brança)

Sermos vassalos seus por toda a vida .
Que na paz , e na guerra com as armas
Seremos os primeiros , que defendão
Sua Regia pessoa , e suas praias :
Servido-lhe de escudo , e sendo ef-
cudos .

Conhecendo mui bem esta aliança ,
Que ajuntando o valor de fortes Gregos ,
(E que não jogue em nós isto jatancia)
Ao preclaro dos nobres Luzitanos :
Marte ; (esse mesmo Marte , temo , e
tremia ,)
E confesse fraqueza a Deoza Pallas ;
Pois em quanto não vou Pessoalmente
Cemo devo , (prostrar-me as suas plantas ,
Do pouco que escapou no fragil lenho ,
Reverente lhe offertá , e mais consgra-

Minha grande obediencia com vontade,
Em lugar de vassallo hoje esse nada ;
E que me atroque licença, por quem he
Para que isto execute mande, e faça.

Phil. He justo Heroe famoso, he-a-
certado.

Pirr. Conheça o Luso Rei nesta ac-
ção rara.

Quem he Ulisses, e quem saõ os Gre-
gos.

Ulif. Sim fieis companheiros ! Logo
parta.

Leostenes, como está determinado.

Leost. Invito, e Augusto Heroe, de
quem à fama

As proezas decantâem todo o mundo.
Que gosto, e que alegria naõ alcança
Meu fiel coração, quando contempla
De ser eu o que leve esta embaixada !
Direi ao Luso Rei, que o forte Ulisses,
E mais seus companheiros se ampararão
De seu porto, e seu Reino, e nelle que-
rem

(Porque os Deozes tambem assim o
daõ)

Viver por seusescravos, e vassallos.
E por final maior desta aliança,
Receba esta pequena, e pobre offerta,
Que já como tributo lhe consagrão.

Ulif. Sim, amigo, tú vai, e os san-
tos Deozes
Benignos te acompanhem na jornada,
E permittaõ que venhas taõ aceito,
Quanto nós desejamos com mil ancias.

*Partirá Leostenes com o prezente, e
equipagem a elle competente, e fi-
caõ os mais.*

Amados Gregos meus, agora seja
Todo o nosso desvello offertar grãcas
A' nossa Tutelar, á grande Júno,
Para que nos ajude nesta causa.
Cada hum por offerta lhe tribute

Reverente seu voto, e delle façá
O maior sacrifício, porque veja,
Que só nella esperamos a bonaçā.

Phil. He justo, invito Heroe, que
vamos todos :

Levantar nos convém pompozas áras,
Ante as quaes reverentes lhe offreçamos
Vítimas de louvores exaltadas.

Pirr. Porque se permittir, que nef-
ta terra

Comigamos viver taõ desejada,
No seu templo porei, como troféu,
Os despojos que trouxe de Dardaniz.
E nelles veja o mundo eternamente,
(Do tempo a seu pezar, que tudo gosta,)
Que os Gregos darão tudo quanto tem
Por viverem aquí na Luzitania. vaõ-se.

S C E N A III.

*Vista de Templo, em forma tosca, jun-
to de montes com arvores silvestres;
e nelle hum simulacro de Juno, e
dante huma pyra aceza. Sabirão os
Gregos cada hum com sua offerta,
que sacrificaraõ a Estatua.*

Ulif. A Qui temos amigos, já pa-
tentes,

A nossa Tutelar, a nossa Deusa.
Ante a qual humilhados lhe façamos
Solemnies sacrifícios, porque veja,
Que só nella buscamos nosso amparo.

Phil. He justo, Excelso Heroe, ef-
tas offertas

Reverentes a Juno tributemos ;
E nelhas claramente reconheça
Dos nossos corações o grande gosto.

Pirr. Veja Juno, Senhor que altiva
Grecia

No seu amparo tuſca o seu remedio.

Ulif. Basta, bons companheiros, já
por terra

Submersos deprequemos que benigna

Comovia ao Luzo Rei, para que tenha
Feliz aceitaçāo noſſa embaixada.
Eu ferei o primeiro nessa empreza,
Que a Juno sacrificare nos meus votos
De humana grande vontade a humilde of-
ferta.

Ajoelha.

Oli Deuza soberana, alta conforte
Do gromo, e forte Anxur, que das Ef-
féras

Toda a máquina move, com poder
Suprior sobre toda ella grandeza !
Por ti do feroz Boreas fui livrado ;
E por ti de Neptuno a vil soberba
Domci : por ti tambem em estas praias
Mercci o trilhar suas areias.
Por ti todo este descânco que pessuo
Tenho: por ti oh Deuza sacra bella,
Da atrevida Dardanis fui triunfante ,
Nos combates ferozes de mil guerras !
Tudo, oh Deuza immortal, quanto re-
firo.

Eu gozo, e já gozei. A tua imensa
piedade, e compaixāo me forão sempre
Poderosos Escudos, nas adversas
Fortunas; já por terra, já por mares.
Agora, oh sacra Deoza, só me resta,
No teu amparo achar a mais sublime
Merce do teu socorro nessa empreza !
Bem sabes soberania, e sacra Juno,
Que a Leostenes mandei dar obediencia
A Górgoris, senhor destas Províncias,
Para que possa ter morada nellas.
Tu, oh Deoza, premite que este Rei
Em seu Reino benigno me receba ,
Onde livre de tantos infortúnios .
possa ter, e gozar vida quieta.
Que por esta merce, oh Deoza sacra ,
Erigir te prometto com grandeza
Hum Templo a teu Númen dedicado ,
Que sirva de memoria à idade eterna.

Phil. Irmaã do grande Amon, em cujo
Trono

Por conforto tambem, é a primeira
No governo, e poder: a ti procuro
Qual cervo que ferido á fonte chega !
Premite immortal Deoza, que E! Rey
Górgoris

Compassivo, e piedoso nos concede
Viver na Luza terra, onde esperamos
Descalçar dos trabalhos, e mizerias.
Que por voto maior desta piedade,
Forei nos teus altares por offrendas
Minhas armas, que forão, como fates ,
Das Troianas esquádras forte inveja.

Pirr. Suprema, e grande Déoza, que
no folio
De Jupiter potente só te assentas ,
Com Imperio tão forte, que suspendes
Do seu grande poder, a fatal destra !
Permitte, oh grande Deuza, que o Rei
Luzo

Nos conceda viver nessas amenas
Regioens, sim, e que nellas levantemos
Moradas, onde façamos assistências.
Se isto, oh Déoza, concedes, eu pro-
metto,
Que sobre teus altares sempre vejas
Mil pavoes degollados a teu Númen,
Victimas em que muito te recreas!

Aesbadas as deprecaçōens do todos
soará bem travao, mas não formi-
davel; e virá pelo ar huma chama
de fogo, que se porá sobre a cabeça
de Ulisses, de queficara-o muito ale-
gres.

Uliss. Felis anuncio dá, caros amigos,
A nossa Tuteſar em estas sentinelas :

Percam os temor, que do Rei Luzo
A Embaixada ferá mui aceitá.

Phil. Assim querer o devemos, nos pro-
digios

Com que nos quiz mostrar suas grande-
zas :

Só nella confemos uosso amparo,
Que a sua compaixão já temos farta.

Uliss. Sim amigos, seguros e em po-
demos

Da boa accitação termos ferteza,
Porque Juno piedosa a nossos votos
Não hade prenittir couza adversa.
Agora, amigos caros, he precizo,
Que para as Naós voltemos destas selvas,
E nellas esperemos por mais gloria,
Leostenes, que virá com toda a pressa.
E tu piedosa mái, Deoza benigna,
Os teus Gregos ampara nesta enpreza;
Pois só com teu socorro podetão
Os perigos vencer do mar, e terra.

Vai-se.

S C E N A IV.

*Vista de sala real com throno, e do-
cel para recebimento da embaixada.*

*Sahem ElRei, a Rainha, e Ca-
lipso.*

Rei. JÁ perdido o receio, alta
Rainha,

Conhecemos mui bem ser esta gente
Ulisses, com seus Gregos valerosos,
Que amparar-se de nós aquil pertence,
E por signal maior desta ferteza,
Por seu Embaixador nos intercede
Lhe queitamos ouvir as condições,
E forma com que aqui o vivere quer em-
Pelo meu Secretario esta notícia,
Nos foi dada, senhora, e julga elle,
Que aceita deve ser de nós com gosto,
E que já receber-lha se lhe deve.
Porque se elle quizer na Luzitania
Por vassallo servir-nos com as gentes
Que tras a seu governo, em nós terá
Hum Real patrocínio para sempre.
Porém se com astucias só procura
Desfarcar-se de algum intento a leve,
Conhecido que seja, verá logo
Seu orgulho abatido quando o intento.

*R. m. Sim Augusto, senhor, sem
mais demora,
A Embaixada he mui justo receber-lhe,
E conforme a perposta se dará
Resposta a seu dizer mais competente.*

Cal. E quem he este Ulisses que an-
ciooso
Nos manda Embaixador? e que inter-
rece

Procura em nosso Reino dessa sorte?
Será este tal-vez de quem alegre
No canto de Thebandra me foi dito,
Ser portento de gracas excellentes?
Ah! e premitia amor que ante meus
olhos,
Mereça a causa ter de quem me deve
O cuidado mais forte de hum empenho,
Que não sei donde nasce, e me he pre-
zente.

Rei. Este, filha querida, que pro-
gunta

He Príncipe da Grecia, e Herói que
obteve

A fama mais sublime em todo o mundo,
Por forte, valoroso, e preheminente;
Delle tenho notícias, que na Troia
Seus muros abrazou, nas mais ardentes
Chamas; e que também prostrou por
terra,

O famoso Ilion, alto, e potente.

Cal. Pois como agora aqui vem pro-
curar-nos?

Será tal-vez meu pai, seus interesses
Fazer no Luso Reino, com aluicias,
O mesmo que lá fez na Troia inerte?

Rei. Não, filha, não, se podia que
emparar-se

Em nosso Reino quer mui mancamente
Dos estragos do mar; pois em tão fulca
Destas fortes o seguro no que teme,
E pode ser captivo desta ação;
Aqui fique com nosco para sempre;
E com elle melhor, por tão lamozo,
Poderei dos contrários defender-me.

Cal.

de Ulisses na Lusitania.

Cal. Assim premita amor, a part.
Rain. He asertado

Teu intento, senhor, no que proferes :
Já venha o Embaixador, e com presteza
Se lhe façã mil honras quando chegue.

Sabe Danteli Secretario.

Dant. O Embaixador do Grego,
graça senhor,
De entrar pede licença reverente;
E já na sala posto só espera
As ordens para entrar.

Rei. Dize-lhe que entre.

Vai-se, e logo sabirá acompanhando o
Embaixador, cujo trará hum magnifico
prémio, com pompa e equipaçam. No entretanto terão subido
para o thiono, El Rei, a Rainha,
e a Princeza, onde tomarão lugares
com assentos competentes.

Leost. Luzitano Mayorte, Augusto
Rei,

A quem Jupiter deo, como senhor,
Poder universal, com toda a lei
Na Lusitana terra por melhor!
Se licença me dás, aqui direi
As ordens que me deo meu superior:
Esperando de achar teu coração,
Conforme c' o a Justiça, e c' o a razão.
E por maior ferteza, Rei Augusto,
Da sé que se me deve sem detenção
Em tuas mãos entrego, como he justo
Estas cartas que a ti servem de crença:
Nellas verás, senhor, com pouco custo
Quera fôu, para vir á Real presença;
E por termo cabal desta verdade
Estas sagradas, vejas Vossa Magestade.

Da-lho as cartas que El Rey toma, e le.

Rei lendo. Leontenes, companheiro
meu prezado,

Poderoso, e Augusto Rei, vai diligente
Por men Embaixador, que o vosso agrado
Espero que o receba heroicamente:
As couças a que o manda o meu cuidado
Na Embaixada dirá como he decente.
Deos te guarde, senhor, anos felizes;
E a teu serviço fica prompto: *Ulisses.*
Reprez. De quem sois na certeza es-
tou agora

Deponde a narraçam desta Embaixada,
E conforme ella for sem mais demora,
A resposta darei mais asertada.
Dizei sem teres susto: saia fóra
O sim que vos conduz a tal jornada;
Que de ouvi-la terei gosto, e contento,
Naõ haja dilacães, tomai assento!

Sentab-se todos.

Leost. O mais, famoso Heroe da Grecia
altiva
No mundo por façanhas conhecido,
De quem a fama, com voz sempre ex-
cessiva

Naõ se cança em faze-lo exclarecido:
Aquelle que dos Deozes se deriva
Com Preclaro explendor a si devido,
He Ulisses, senhor, que em toda a parte
O confessem por Jupiter, e Marte.
Este, oh Augusto Rei, he quem me envia
A expôr com submisão, e reverencia
Os motivos que teve, e mais a via
Para do Tejo ver tanta excellencia.
Este he aquelle Héroe, que preferia
Aos mais Gregos Heróes na prehemi-
nencia;

E he quem por costigar da Troia a infânia,
Abrazou a Cidade da Dardania.
Em primeiro lugar, manda prostra-se
A's tuas reaes plantas reverente,
Cu jás throno serão para exaltar-se
Com honra sublimada, e preheminente;
Depois laudar te invia por mostrar-se
Ser humilde, e cortez como he decente;
Sobre tudo estimando, ho que alude,
Que desfrutes perfeita, e real saude.

Dei-

Deixadas já, senhor, as merecidas
Ceremonias cortezeas da Embaixada,
Passarei a mostrar-te as bem nascidas
Razoens, para fazer-mos tal jornada.
Nellas verás que forão produzidas
Do Etereo asiento, e delle derivada
A chegada que digo, porque vejas
Serem estas razoens em nós sobejass.
Já vingada, senhor, do Gergo a offensa,
A cinzas reduzida a fatal Troia,
A v'lla nos fizemos, sem detença
Com armada que sobre as agoas boia:
Para a Grecia mondamos com immensa
Lida, as prós voltar finda a tramoia,
Ondo só esperamos ter soccago,
Dos trabalhos da guerra, e seu emprego.
Sete vezes o Sol tinha sahido,
E outras tantas, tambem, se tinha posto,
Quando pelo Piloto foi sentido,
Da tempestade ao lonje o feio rosto:
Ferraz as vellas manda-percavido,
Mostrando no semblante o seu desgosto;
O que visto por nós, em taes estados,
Como absortos ficámos, e pasmados
De improvizo, senhor, denços vapores
Da Boreas empelidos, vena chegado
Sobre nós; e com tão fortes-horros,
Que parecia o mundo hir-se acabando:
Logo o mar impolado, mil furores
Fulmina contra nós, de quando em quan-
do;
Parecendo-nos em estes parocismos,
Que as Estrelas tocavamos, e abyssos.
Neste triste combate, nessa lida
Sem defensa nenhuma nos deixamos
Levar do mar, e vento, até que a vida
Ou se salve, ou se perca, donde estamos:
E posto que a julguemos já perdida,
A Juno, a grande Juno deprecamos.
Nos socorra piedosa a nosso rogo
Attendeo; e parou a furia logo,
Mendo tanta piedade, de alegria
Mostrava cada qual no seu semblante
A mais gentil imagem, e despia

A funesta que tinha agonizante:
Isto assim se passava: e quem diria,
Que tudo se mudasse num instante;
Pois de novo o Piloto em tanta mageza
Pelos olhos trotava rios de agoa.
Nós vendo tal excesso, sem demora
A razão proguntámos do seu pranto,
A que logo responde: aqui agora
Tenho outro maior, e forte espanto.
A guilha naõ governa, e seu melhora.
Mais perdidos estamos nesse encanto:
Pois sem rumo sabermos, e seu norte
He mais ferto o perigo, e nelle a morte.
Destas fortes andamos com armada
Vagabundos, e tristes pelos mares;
E sem a dor em nós ser acabada,
Varios portos tocámos, varios áres:
Na fatal confuzão desta jornada.
Pelos fins esperamos dos azares:
Até que Juno piedosa dessa infânia
Nos livrou; e nos trouxe a Luzitania.
Pela boca do clare Lebestino
A Deoza nos conduz, sempre piedosa
Premettendo-nos aqui finde o destino.
Na terra Luzitana portentoza.
Nella estamos, senhor: o teu benigno
Amparo procuramos; e he forçoza
Esta mercê real, nós que obrigados
Aqui vem conduzidos pelos fados.
Ulises só te pede, e nós tambem:
Nos concedas viver nesta regiâo;
Porque de te servir só gosto tem
Com affecção cabal do coração:
E visto ser só Juno aquella quem
A teu reino nos trouxe dasfíccas
Dos mares: aqui quer alegremente,
Fazer vassalla tua a Grega gente.
Que se nisto concedes, Rei Angusto,
Legas em bras militicas alisado
Com todo a prole, Grega a todo o custo,
Darás provas do ser que tem de honrado.
E quando teus contrários com injusto
Proceder, te invadirão a teu lado.
Elle irá, audiente de mais tudo.

Levando-te o Escudo, e sendo Escudo,
E por grande maior de rendimento.
Do pouco que escapou na pobre armada,
Te conseguira, senhor, com puro intento
Por tributo, e por feudo hoje e se nada.
Que lhes perdes, pele, o arreavimento
Da tão grosseira ser, e se te agrada.
Tanto o ha de estimar, que em toda a
vida

Serà esta mercê d'esse aplaudida
Estas as condições, Rei poderoso,
Com que Ulisses te manda esta embaixada
Esperando de achar no teu piedoso
coração, recto olrigó, e ihais morada.
Agora espero, oh Rei teu generozo
Dizer, dando sim à tal jorhada,
Dezejando que seja no teu peito,
O Grego sacrifício bem aceite.

E vós Rainha Augusta, que a seu fado
Qual Afonso rutilante, estais benditos;
Da fáez sed portes, rios de ligistro,
Por quem sois, animai o que pertendo:
Que tal patrona tendo descançado,
Ao Grego volunté, segundo o intendo,
Bom desprazito levátilo satisfeito,
Deprecando por hás vossa respeito?
E vós também, Rainha, e Alta Princesa
Augusta produção, luz animada
De dois Astros reaes, cuiabellaze
De Venus fêz fento à sua náda:
Se os trabalhos da humana natureza
Vos fizerem comover, se já alcançada
Por vós esta mercê, em cijjo emprego
Vos deseja servir o povo Grego.

Rey. Com grande suspeição, com
gostosa, que temo o resultado
E pena juntamente, tenho ouvido
Tanto dos vossos filhos, e filhos, e filhas
Como a causa que digno vos ha trazido.
Dizem ao Grego Heros, que é minha
Corte, que em tal emprego
Venha, e donde foralient recebido;
E que traga consigo juntamente, para
Toda a sua fatura, o Grego gente, ui o

Que a sua offert: recto como amigo
Estimando, também sua amizade:
Que em meu Reino terá hum grande
abriga,
Applaudindo-lhe a sua sociedade.
E por seguro disto que vos digo,
Se confié na minha Magestade,
Pois segundo a obediencia que con-
sagra,

Seguro pôde vir na real palavra.
Dizei-lhe mais tambem, que a sua fama,
Cá pór mim he sabida nobremente,
Porque na sua fronte a esquiva rama
Está por seu valor como he deceitado:
Que o mundo nas próezas o declana,
Sendo nello protento a Grega gente;
E de seus altos feitos na Dardania
A notícia me veio á Lusitania.

Trost. Tudo, senhor, direi com tan-
ta glória,
Com tanto gosto, tal contentamento,
Que por esta ventura tão-notoria,
As graças vos consagre cento, cento! O
Ouvindo Ulisses, cheio de vangloria,
Da vossa adeitaria tão protento,
Virá logo, senhor, incontinentemente,
A beijar vossas mãos e a Grega gente.

**Vai-se Leostenes, e toda a gente da
equipagem, ficão Elrici, Ratiba,
e Calíppo.**

Rei. Que dize, senhora, il Vossa Maj-
estade! Isto é, súmame estimação
Da facundia dos Gregos valerosos?
Nas suas bizarrias não offentas
Mil países, e mil protentos, e militas,
e soldados, e armadas, e armadas
Eu confesso, senhora, que me causas
Em meu peito de velhos grandes golbos:
Estimando, também, que em nosso reino
Queirão viver conformes com os nossos
Ritos, leis, costumes, porque nelles
Faremos de sempre sempre prontos. A

Rain.

Rain. Eu Augusto, senhor, pelo que vejo

Nos ternios tão bizarros dos seus modos,
Vos dou os parabéus; pois nelles julgo
Ser mais que vos parece, e que isto he
pouco.

Cal. Eu tambem, p'ri amado, no que observo

Dos Gregos no dizer, infiro, e a'oto,
Que obrigados das causas que publicão,
Achando, com efeito, em nós soccorro,
Tomaraõ o partido de servir-nos.
Como dizem, sem nisso ter estorvos;
E delles tomaraõ a disciplina,
E fórm'a Militar os nossos todos.
E para achar em vos seguro amparo
Bastava ser quem he, como seponho,
Que de Princepes taes como sois vós
Nas se esperab senaõ termos honrozos.
Ah! e perennita amor o conceder-lhe

á part.

As ázas para vir com fortes vó-os
Onde o veja Calipso, para ter
Alegria cabal seixpre em seus olhos.

Rey. Minha filha adorada, o teu dis-
curso

Com o vossa tambem, ambos approvo:

Tantas horas farei ao Grego Ulisses
Que dellas se admire o Reino todo.
Será, depois de mim, tão estimado,
Que a si se desconheça, nisto proprio;
E da patria esquecido com os seus
Toiment nome de Luzos por seus gostos.
Vinde agora comigo porque quero
As ordens espalhar, e mais o modo
Para ser recebido quando chegue,
Com sublime apparato, e mui custoso.
E para mais honrallo, eu em pessoa
Com toda a minha Corte hirei ao en-
contro

Esperallo tambem, sendo meus braços
Para hospede tal, o melhor throno.

Rain. Nessa acção generosa Augusta,
e Regia,
Fareis como quem sois, Rei generoso,
Na qual veraõ os Gregos confundidos,
O quanto honrar sabei homens heroicos.

Cal. Teus passos a procura Sol bri-
lhante *á part.*
Traz o dia em teus raios luminosos
E com elle tambem me traze Ulisses
Por quem somente vivo, e por quem
morro.

FIM DO SEGUNDO ACTO.

ACTO TERCEIRO

SCENA I.

*Vista de sala Real.**Sala Calipso, e Thebandra.*

Theb. A Lvicetas Princeza, e parabens
Pela vinda de Ulisses
vouso dar-te?

Já descança teu peito, já focega,
Já fundaraõ de todo os meus perares?
Já naõ tens affliçoes, já naõ tens penas,
Delirios já naõ tens, já naõ tens malas?

Tudo conta, senhora, tudo dize,
Naõ me occutes a mim nem hum só
spice;
Pois bem sabes, senhora, quanto es-

timo,
Que aleveis, focegues, e descances.

Cal. Ah Thebandra, Thebandra, eu
bem conheço
Esses tous parabens a donde batem:
Es astuta, es sagaz, e della forte
Nos proprios parabens me dás fotaques.
Eu naõ nego Thebandra, que em meu
peito

Desse Ulisses que fallas, tenho a imagem;
E que nello tambem lhe sacrifico
Holocaustos de amor o mais constante.

Theb. Logo Ulisses, senhora, he quem
ocupa

De todo o teu querer as bellas partes?
Só nellas vive Ulisses, e naõ pôde
Caber outro fogeito em seus altares?
Ja te esqueces dos zellos que te deo,
Por quem tu palecesteis pesetrantes
Magoas, como dizias, no teu pranto?

Queres mais hum estranho que te of-
fende,
Do que hum proprio que morre por a-
marte?

Em que funda a razão o teu querer
Para tantos extremos como fazes?

Cal. Escuzdo seria a ti Thebandra,
No Principe Palante mais fallar-me
Sabendo que me enojas; e que sinto
Trazeres-me à lembrança fatais tranzes.
Que te importa que adore, ou naõ adore
O Grego Ulisses, dize, para dar-me
As tuas reprehenoens? Julgas Theban-
dra

Que naõ sei conhecer a donde batem?
Vens dar-me parabens, ou vens dizer-me?
Se he razão o querer, ou naõ Palante?
Muito excedes, Thebandra', a confiança
De me haveres criado, quando sabes,
Que nem sempre se diz o que se entende
A's pessoas da minha qualidade.

Theb. Senhora, Voila Alteza por
quem he
Desculpe o meu dizer por delirante,

Que eu prometto de todo em minha vida
No Principe Palante mais fallar-lhe.
Será só meu desvello, e meu empenho
Desses Ulisses saber as novidades;
E sem ter dilação, nem ter demora,
Vir contar-lhas, senhora, nesse instante.

Cal. Se assim fazes, Thebandra, eu
te prometto
Do que agora distes naõ lembrar-me;
E para que melhor cuides te offereço

Em

Nova Comedia Heroica.

27

Em final de lembrança, esse diamante,
Dá-lhe a anel.

Theb. Mais attenta do que por inter-
esse

He que aceito de vós, sem dilatar-me,
Esta prenda, na qual só formarei
Hum vínculo que me prenda, e que me
atte.

Cal. Tu não sabes, Thebandra, co-
mo Ulisses

Reverente mandou dar Vassallagem
A meu pai; e pe lir-lhe dece abrigo
Aqui na Luzitania, a donde fazem
Tenzaç de prezistir perpetuamente?

Theb. Sei amada, feuhora, e mais que
hum grande

Presente lhe mandou o Grego Ulisses
Cal. Tu viste o Embaixador?

Theb. Só de passagem.

Cal. Então, que te parece o modo, e
garbo?

Não he nabre, e gentil a todo o lence?

Theb. Sim: até em presença mui bi-
zarra,

Differentes saõ dos nossos pelos trajes:
bem parecem, senhora, os nobres Gregos.

Cal. Pois quando a ti Thebandra, pe-
las grandes

Partes, bem te parecem, como a mim
Me culpas o querer por meu amante
Ulisses, que entre os mais por superior
Tem, como tú dissesse, outros quilastes
Quando delle cantaste aquella letra,
Com euja meus sentidos encantaste?
E sabes que se espera que hoje venha
Com todos os seus Gregos de equipagem,
A' Corte; pois meu pai assim o manda?

Theb. Mas dize-me, e tu pai inten-
ta dar-lhe

Aqui acolhimento no seu reino?

Cal. Sim: porque seria disparate
Negar ao Grego Ulisses o que pede,
Sendo tanta a razão, e tão con-
tante.

Theb. E qual he a razão, feuhora,
dize?

Cal. A razão he, Thebandra, que
humilhar-se

Mandou como cortez, dando omotivo
De porto aqui tomar sua viagem;
E sendo, como he, famoso Herói
Por justiça, e razão devia dar-lhe
Quartel, como merece o seu fôgeito.

Theb. He mui justa, feuhora, essa
hospedagem.

Saberei estimar que venha Ulisses
Tanto, como desejo que descance;
E que com sua vinda esse seu peito
Goze todos os bens que nesse calem.

Cal. Thebandra, eu te agradeço essa
finezza,

Melhor tempo virá em que te pague;
E queira amor piedoso a meus suspiros
Pôr na vida de Ulisses seu remate.

Theb. Os Dezozes, oh Princesa, te
concedas

Tudo quanto desejas; e que alcances:
Trazerem-te benignos a teus olhos
A causa que te faz andar errante.

Cal. Sim, amiga Thebandra, e les per-
mittas

Atender a meus malles incessantes;
E tu tambem, se queres, com teus votos
Não deixes de pedir que me descanceem.

Theb. Mui gostoza o farei, gentil
senhora:

E tua A teza agora ordeue, e mande
Da minha servidão as suas ordens,
Concedendo licença a separar-me,
Que he precizo, senhora, pois saõ horas.

Cal. O Céo te leve amiga, e mais te
guarda.

Theb. Elle a ti conceda o que dese-
jos. Vai-se Thebandra.

Cal. Agora que estou só será mais
facil.

(Já que o tempo me dá a isto tempo)
Nesta minha esperança aliviar-me

Cantando alguma cousa, e esta seja
A chegada de Ulisses nestas partes.

[Canta o seguinte recitado.]

Os teus passos apressa Heroe famozo,
Vem voando, vem ver a quem te adora,
Que já por ti perdida chora, chora,
Morren lo por te ver aqui presente.

Ah! naõ tardes meu bem,
Amor te preste as ázas,
Dá alívio a quem
No peito sente as brasas
Do mais vivo incendio,
Que malha amante cabe, e faz compen-
dio.

A R I A.

Quem se julga auzente
Do seu doce emprego,
Nunca tem soeço
No seu pranto, e pezar.
Porque só hum instante
Do bem separada,
Sente a mais refinada
Violencia sem fessar.
Mas isto inda peor
No tempo que espera,
Porque mais desespera
Chegando acabar.

*Depois de cantar vai-se; e sabem
El Rei, e Danteli.*

Roi. O que digo executa sem de-
mora,
Mais naõ tardes Danteli hum só instante:
As ruas se componhaõ com grandeza;
E aos Fidalgos dirás que se preparem,
Porque comigo todos haõ dem hir
Ulisses esperar; porque esta tarde
Com todo a Grega gente vem á Corte;
E conio, por quem he eu devo dar-lhe

As mais heroicas honras, venhaõ logo
Trazendo bem luzidos os seus pagens.

Dant. Promptamente, senhor, quan-
to me ordenas

Farei executar sem dilatar-me,
Porque chegando o Grego á tua Corte
De confuze, e suspenso nella pasine.

Rei. Tudo espero Danteli, que ex-
ecutes

Como quem no governo he vigilante,
Porque fendo a função por ti disposta,
Naõ receio que nada nella falte.

Dant. Em honra me fazeres, *Rei*
Augusto,

Sempre tens liberal tua vontade;
Mas fendo tu, senhor Luzo Monarca,
He forçozo fazeres quanto fazes,
A grandes, e pequenos mandarei,
Que perparera mui bem toda a Cidade;
Pois fendo do teu gosto que assim seja,
Todos haõ de querer muito agradar-re.

Rei. Sim, amigo Danteli, he do meu
gosto,

Que a Cidade se ostente mui flamante,
Para que desta forte veja Ulisses
Ser meu Reino espolento, e muito grave.
Naõ haja dilação, parte Danteli,
Meu poder te concedo; e delle faze
Como sempre fizeste, porque entao
Será tudo perfeito, e dequilate!

Dant. Vou senhor, como devo, a
obecer-te:

Tua Alteza mil annos • Ceo guarde,
Tanto para terror dos inimigos,
Como para memoria a toda a idade.

Vai-se Danteli, e fabe a Rainha.

Rain. Magnifica função, Rei pode-
rozo,

Hoje se espera ver na Laza Drance!
Ruas, praças, janellas, tudo está
Com pompa, e com soberba admiravel.
Saõ tantas as fachadas, e tão nobres,

Com

Com emblemas de tais variedades,
Que na tal praça ilha a mesma vista
Decernir o melhor não será facil.
Tão primor a Cidade se contempla,
Que parece não ser a que era dantes;
Porque na mutação de tão sublime,
Duvidosa se forma do brilhante.

Rai. Tudo he pouco, senhora, quanto
do intento
Mostrar aô Grego Ulisses neste alarde,
Não só sua opolencia; mas tambem
Todo o gosto que faço de amparar-lhe
A sua pertençaõ, honrando-o assim
Com toda a minha Corte, e poder
grande.

Destá sorte pertendo reconheça,
Quem sou, quem são os meus, por esta
frazi,
E confuso de si, diga a si mesmo
Ser meu reino oportuno, e eu em dar-lhe
Não só acolhimento como intenta;
Mas festivos aplausos sem que falte
Ao respeito de Rei, e mais de amigo.

Rain. Sim, Augusto senhor, nesse
certamen

Obras como quem é; e nelle vejaõ
Os Gregos seu poder para que pasmem.

Rei. Quero Augusta Rainha deste
modo,
Com pompa magestoza; bem mostrar-lhe,
Que sei por soberano, e por amigo
Dar honra a quem me busca de amizade.
Mas segundo o que escuto nestas vozes

Tocaõ dentro clarins.

Da minha Corte saõ todos os grandes,
Que chegaõ deligentes pelas ordens
Que mandei por Danteli, em cujo lance
Para assombro maior do meu projecto,
Quero que todos hoje me acompanhem.
E vós também, senhora, c' o Princeza
De gala vos vesti, com pompa grave,
E por maior grandeza as Damas todas
Vos venhaõ fazer Corte, e se preparem
Com todo o seu melhor, que esta função

Ha de ser protentoza, e admiravel.
Na sala do docel estejaõ todos
Mui promptos, sem que nada disto
falte,
Que me vou que saõ horas, pois me
esperab.
Os Fidalgos que vaõ acompanhar-me,
A deos Rainha. Fazei o que vos digo,
Porque tudo convém nessa hospedagem.

Vai-se El Rei; e faze Thebandra.

Theb. Rainha Augusta, agora me foi
dito
Por Anfriza, que Vossa Magestade
Me chamaava depressa, e desta forte,
Aqui venho saber no mesmo instante
O que ordena de mim, cujo preceito
O conheço por lei inviolavel.

Rain. Sim, Thebandra, mandei com
toda a pressa

Por Anfriza, dizer que te chamassem,
Para que sem demora vás compôr
A Princeza com toda a brevidade
Vestindo-lhe o melhor das suas galas,
Com os seus mais preciosos diamantes.
E por ordem, tambem, as outras Damas
Infallivel dirás da minha parte,
Que o mesmo façã todas, e que venhaõ
Logo aqui a meu quarto, sem que faltem.
Pois como vem Ulisses hoje à Corte
Del-Rei acompanhado quer mostrar-lhe
Seu poder, e grandeza neste dia.

Theb. Promptamente, Senhora, sem
que tarde

As ordens vou cumprir mui diligente:
O que manda farei sem dilatar-me.

Vai-se

El Rain. Eu tambem he precizo neste
empenho,
O mesmo executar, como quem hade
Depois de El Rei, em tudo ser primeira,
Em honrar este Heroe tão respeitavel.

Vai-se.

SE-

SCENA II.

Vista de Cidade com porticos magestozos: huma praça magnifica, com humma grande pyramide no meio, e defronte hum palacio real; sabem pelas portas da Cidade, que serão soberbas, diante a commettiva de Górgoris ao som de instrumentos, e a pozo a commetiva de Ulisses à Grecia; e logo, debaixo de hum rico pavilhão, El Rei trazendo á sua dextra Ulisses. Os Gregos virão falando huns com os outros, reparando na Cidade como admirados, que intrando pelos batidores apparecerão logo em huma magestosa sala do palacio dito, El Rey sentado em hum rico throno, e á sua dextra a Rainha, e Princeza. Da mesma parte mais abaixo Ulisses, e da outra parte Philarco, Pirro, Leofentes, e guardas necessarias.

Ulisses andando com El Rei, e os mais.

BEm, Augusto Monarcha, esta grandeza,
Este assombro gentil, e tão brilhante.
Publicando-me está ser Corte Augusta
Da vossa poderosa Magestade.
Tudo nella faí pasmos, tudo assombros
Quanto vejo, com gloria enexplicavel.
De Circé o seu encanto me não fez
Tão suspenço, como estas variedades.
Que mais se pôde achar? que haver mais
pôde

De rico, e magestozo que não achem
Os olhos, neste enleio tão sublime,
Sem que nada precioso hoje aqui falte?
A Grecia, a grande Grecia, se tal visse.
Se quizera trocar hoje por Drance;
E também aprendera, della mesma,

Os modos de opulenta, nobre e grave.
Em fui para dizer o quanto finto,
Nesta minha expressão veja não cabe,
Que onde brilha o Real do hum Rei
Augusto,
Só o diga o silencio, e elle só falle.
Rei. Ulisses valoroso, Heroe sublime,
Bem sei que será pouco aqui mostrar-me
Desta sorte contigo, mas perdoa,
Que o paiz não dá mais para hospedar-te.
Deziejara que Drance agora fosse
Para hospede tal, a melhor parte
Do mundo, para nella achares tudo,
Que mui te servisse, e contentasse.
Porém a esta falta, Heroe exelso
O meu desejo supra a todo o instante,
Conhecendo mui bem, que quem fez
isto

Fizera muito mais para alegrar-te
Uliss. A resposta, senhor, é Rei Augusto,
A mercês tão sublimes, e tão grandes.
Sómente a pôde dar com desempenho
Quem nada vos disser, e quem se cale.

Vão-se. Apparecerá a vista de sala dita;
e nella todos sentados, como
se disse.

Rei. Famozo Capitão, Heroe sublime,
Já que a forte vos trouxe a estas partes,
Quizera-vos dever fertas notícias
Dos sucessos da Troja miserável.
A Rainha ancioza por sabellos
Está com a Princeza por instantes;
E a seu rogo vos pessó com empenho
De vós esta fineza, para dar-lhe
Cabal satisfação a tanto gosto.

Uliss. Que gloria Augusto Rei! que
nobre dita
Tem o meu coração em contemplar-se
Tão cheio de ventura, que merece
Com tão nova mercê ver-se abundante
Das honras da Rainha, e da Princeza

Em

Em quererem ouvir as malsoantes
Narrativas de quem taõ empenhado
Na obediencia se vê ; e quer mostrar-se
Promptissimo em fazer o que lhe ordenaõ!
Obedeço, senhor, sem que mais tarde.
Porem seja-me licito, antes de tudo,
O dizer-vos quem sou para mostrar-me
Com vosco apparentado, tendo em mim
O vollo mesmo Augusto, e Real sangue.

Rei. Dizci, que hei de estimar muito fabello,
Para que com mais gesto vos ampare.

Ulf. Em todos (com razão, e justamente)

Espero achar favor, e nobre amparo,
Podendo-me animar ser descendente
Do vosso proprio sangue, Augusto, e raro:
Gerou Acrício Jove, elle o valente
Laerte, de Anticéa esposo caro,
Destes nasei, a quem o fado chama
Por travalhos sem fim, immortal fama.
Vós procedeis de Danae por quem desse
Jupiter namorado, e taõ rendido,
Que (em gráos de ouro por prego se
offrece,)

Do Olimpo, e suas grandezas esquecido.
Avô de ambos he Jove, e se conhece
Ter deste Illustre tronco procedido
As grandes ramas, desta planta altaiva,
Donde dos dois o sangue se deriva.
Até aqui gran senhor, tenho mostrado
Animar-me do vosso sangue Augusto
Com gloria taõ altaiva, que este estado
O tenho por ventura de mais custo:
Agora será só o meu cuidado
Da Troia vos mostrar quanto for justo:
Desejando, senhor, heroicamente
Agradar-vos, e ser muito eloquente.
Cô aquelle raro monstro da beleza,
No mundo, por desferações, afamado,
Que de Leda, e de Jupiter se preza,
Dizem, que Menelão fora caçado:
De cuja vista a liberdade preza,
Paris contente vio, amante, e amado,

Que Venus quiz mostrar-se agradecida,
Da sentença que deo por ella em Ida.
Ella formosa, Menelão auzente,
Em huma não que tinha aparelhada,
Páris a Elena leva occultamente,
Huns dizem que por gosto, outros fur-
tada:

Já o filho de Atreu, que a injuria sente:
Agamenon convoca, e n'uma armada
Que debaixo esconde o mar Ægeo,
Parte, e com elle o filho de Peleo.
Vem os de Creta, e Rodes valorozos,
Mermidores, e os I'taca que eu chamo,
Que he terra, e gente minha, que os fa-
mozos

Soldados leguem de Egclipe, e Samo.
Os Arcadés, e Atolios generozos,
A que orna a testa vitoriozo ramo,
Que he pouco todo o liquido elemento,
A tanta faia, a tanta vella ao vento.
Partio a groça armada, e hia cobrindo
Omar, que hum grande bosque parecia,
A ázul espalda de Neptuno abrindo,
Já a ancora na terra estar se via.
A gente sahe na praia, o Sol ferindo
Nas armas, reprezenta ao que ardia
Campo de fogo; e a gente que mar-
chava,

No estrepito hum trovão que atraveçava.
Chegando a terra, logo n'um momento,
Os cavallos aos carros ajuntamos,
F pelo largo campo ao leve vento,
As alegres bandeiras despregamos:
Cercaõ valos o grande alojamento,
Vestem tendas o canjo que ocupamos:
O Xanto geme, as terras emmudecem,
E da alta Troia os muros extremersem.
A guerra se começa, e logo cresce,
A gente popolar, que o risco via,
Diz a Páris, que injusta accaõ parece
Negar a Menelão o que pedia.
Outro diz que a contendã só merece
Que os dois provem seu braço, e va-
lentia:

Que

Que elles só façãs a aspera peleja,
E ao vencedor Elenz, o premio seja.
Este conserto, Paris, não recusa,
E a todos com valor se oppõem diante,
Por entre a multidão cega, e confusa
Fallá com voz composta, e arrogante.
O ignaro povo, sem razão me acuza,
Que com a espada, e coração constante,
Nada temo, que sahe o animo forte
Forçar Estrelas, e vencer a forte.
Já cada qual dos dois, a espada ardente
Mostra nos duros punhos apertada:
Sobre o elmo, sobre o escudo resplendente,
Os golpes soão de huma, e de outra es-
pada

Páris a joelhou, a que o valente
Menelão corre, alindo-o da celada
Arrastando o levava, onde o fim déra,
Se Venus que isto viu lhe não valera.
Logo alli os Troianos se perparaõ
Contra os Gregos, tão fortes, onde a
guerra

Se ostenta tão feroso, que bem mostraraõ
Cada qual o valor que dentro incerra:
De parte, a parte iguais se despicaraõ,
Por defender a patria, e propria terra,
Dando a fortuna neste lance forte,
Aos Troianos melhor, a felis forte.
Recolhem-se em seus muros os Troianos,
As vidas segurando, e defendendo,
E nelles contra o fado, tantos annos,
Sustentaraõ o furor de Marte horrendo.
Eu vendo os riscos, e perpetuos danmos,
Que por pontos, e horas vão crescendo,
Hum cavallo inventrei, com que pode-
cem.

Entrar em Troia os Gregos, e a ven-
cessem:

Entra o cavallo, em fim, e na segura
Praça, o deixaõ ficar soberbo, e quedo:
Desce a cobrillo, logo, a noite escura,
Que no mar se banhara o Sol mais sedo,
Não se via no Céo Estrella pura,
Tudo eraõ trevas, tudo horror, e medo;

E os que enferrados no cavallo estamões,
pela sombra, a sahida antecipamos.
Cresce o tumulto, vozes, e armas cres-
cem,

Que faz escuridades mais temidas,
Varias mortes entre elles se oferecem,
Dando outra eterna noite a tantas vidas.
He tudo confusaõ, onde perecem
Nos fios das espadas humecidas
Os seus, que Pirro com mortal estrago,
Do frigio sangue, faz na Troia huma lago.
Arde a Neptunia Troia já rendida
Ao cavallo fatal, a Grega espada,
Em cinza, em fumo, em sombra con-
vertida,

Que a gloria humana, he fumo, he som-
bra, he nada,
Já tratavaõ os Gregos da partida
Carregando o despojo a forte armada:
E entre tão rica, e soberana preza,
Era a formosa Elena a mór riqueza.
A natureza, quando Troia ardia,
Parese que no antigo caos se enferra,
O Céo de negro luto se cobria,
Quando, em sepulcro ardente, a Toria
interra:

Tarda o Sole em trazer o novo dia,
A escura sombra occupa o mar, e terra,
Que por não ver arder coufas tão bellas,
Serrava o Céo os olhos da Estrella,
Já é o a causa, e desculpa do Troiano
Incendio, que na cinzainda fumava,
Soltando as redeas ás náos o soberano
Agamenon, as ancoras levava:
Da negra antena despregando o pano,
Que hindo prenhe do vento que soprava,
O Porto deixa, o alto mar cortando:
Vão-se, as praias, e os montes afastando.
O destroço fatal de Troia viaõ
Das náos, o Helesponto atravessavaõ
Os Gregos, quando a vista suspenderaõ
Nas terras, que já a penas divizavaõ.
Só nas partes mais altas pareciaõ
Huns vestigios, das torres que ficavaõ,

A don-

A donde avista o mais que determinada
He medir a grandeza c' e a ruina.
Austeiros, máquinas, e muros,
Piramides, coloços levantados,
Obeliscos que mostrão estar seguros
Contra a força dos tempos, e dos fados:
Jazem, sem fama, em cinza vil escuros,
Das idades por fabulas prostrados;
Que o tempo, os bronzes, e columnas
parte,

E aos poderes da morte iguala Marte.
Fsta Augusto, senhor, he a figura
Da Troia miseranda, e seu estado,
Que mudada se vê em sombra escura
Toda a luz que gozou em outro fado.
Agora o meu deíjo só procura
Pedir-vos o perdão, por dilatado
Ser na minha expressão; mas a obediencia
As faltas supriás de eloquencia,

Rey. A' muitos annos; Grego, com
porfia

Que vos venero só por nome, e fama,
Que ouvindo amor nos animos se eria,
Como por olhos, por ouvidos se ama.
O que de Achiles, e de vós ouvia,
E (da Troia já entregue a mortal chama;)
Me acendia num fogo, e num desejo
De hir ver o Xanto, e do esquecer o Tejo.

Ulf. São honras (gran senhor) em
tudo raras,

Com que sempre fabeis augustamente
Prendar os vossos servos, nas preclaras
Mercês que lhes fazeis tão evidente,
Em vós já deraõ sim minhas avaras
Fortunas; acabando incontinente;
Pois tendo o vosso amparo, e vosso abrigo,
Não receio do fado algum perigo.

Rain. Suspença, Excelso Heroe,
Grego famoso,

Com grande admiraçao tenho escutado
A vossa narrativa; e o forçozo
Impulso de vos ver no Luso estado.
Tambem da Troia ouvi o lastimozo
Fim, e mais do Ilion tão assanado:

Cuja horrenda figura a minha idéa.
Me suspende, perturva, e aliena.

Rei. Agora basta já de narrativa,
Molestar-vos não quero caro amigo,
E sahei que concebo gloria altaiva
Em vos ter no meu reino aqui comigo
Parti a descançar. Sej excessiva
Danteli, a diligencia que te digo
No trato deste Heroe tão excellente,
Que he Ulisses meu hospede, e parente.

Dant. Sí, Augusto senhor, vou
desvelado

Vossas ordens seguir com toda a pressa:
Sendo só meu desvelo, e meu cuidado
Fazer que quem vós sois se reconheça.
E vós, senhor, segui-me em cujo estado
Me fareis hora gra nde, onde mereça
Do meu Rei, e de vós ser attendido,
Fazendo-vos nui prompto o que he
devido.

Partirá Ulisses com Danteli, e todos
os Gregos, fazendo as cortezias de-
vidas, que ElRei acompanhará
até a porta, e fica com a Rainha,
Princesa, e Damas.

Gos
Rei. Sem duvida senhora saõ os Gre-
Em tudo protentozos na verdade
Conformes estãos todos nos empregos
Com que o seu Capitão os pergoade.

Rain. A mim me faz patiar os seus
focegos,
Adornados da bella sociadade:
Bem parese esta gente, no que ostenta
Da traicão, e maldade sempre izenta.

Cal. Pelo que, pai amado, nelles veja
Me paresse ser gente protentozas;
Pois nas suas acções mostaõ soberba
Proceder, nobre fé, razão honroza.
Oh se destes creasse o nosso Tejo
Seria a Luzitania respeitoza,
Mas delles aprendendo os Luzitanos,
Serão em altos feitos soberanos!

Rei. Assim, filha querida, o considero,
Que delles aprendendo a disciplina,
Cada qual mostrará valor tão fero,
Que seja cada acção huma ruina.
Que seja tão como os Gregos não espero;
Porém, sim, que os excederão na mais fina
Destreza, e valentia, onde confuzos
Os Gregos todos fiquem vendo os Luzos.

Rain. Se Júpiter, senhor, assim quisesse:

Fora grande ventura esta chegada
Dos Gregos em teu reino; e que tivesse
Só elle escolha tal, tão estimada.

Rei. Vejamos o que o tempo nos oferece;
E demos a função por acabada:
Descançar nos convém já desta empreza:
Vamos senhora, e vinde vós Princesa.

Vai-se.

S C E N A III.

Vista de jardim com estatuas de jaspe, e huma fonte no meio. Sahem Calísto, e Thebandra.

Theb. JA' Princeza adorada, a tua pena

Acabou de huma vez, na venturoza
Posse do Grego Ulisses, que a teu peito
Motivou mil cuidados. Heje logras
O bem appetecido, aquella dita,
Que te faz respirar perfeita gloria.
Quanto foi acertado o teu empenho!
Naquelle amante fô com que o adoras!
Ulisses sim, o grandes Ulisses, bem merecesse
Da tua adoração as mais heroicas
Vítimas de nobre amor. He este Heroe
Hum pâsma singular, de protntozas
Graças. Nelle se admirão como luzes
Attributos tão fortes, que opregoaõ
Dos Heroes: *Non plus ultra* por sublime.

Cal. Ah Thebandra, mal sabes como soas

Seu louvor em meu peito, quando falas
Do Grego Ulisses. Sim, com ella vova
Todo o meu coração se regozje.

He tão forte é minha alma esta vangloria
Que parece com ella o coração
Me falta de alegria a pulos fôra.
Não sei porque motivo, neste empenho,

Este Ulisses me faz viver absorta.
He esta simpatia, em mim Thebandra,
Tão violenta, que jalgo tal memória
Se assim continuar em breves dias,
Ou me faça morrer, ou viver louca.

Theb. Eu, senhora, não sei que tem
os Gregos

Para serem queridos com forças
Vontades. Eu algum tempo zombava
De tudo o que era amor; porém agora
Depois que os Gregos vi, não sei que sinto
Neste meu coração. Estou tão outra,
Que já me não conheço do que fui.
Isto encontra misterio, sem que possa
Conhecer-lhe, senhora, a sua origem

Cal. Ahi verás Thebandra, nessa prova,
Toda aquella razão, que noutro tempo
Ateou no meu peito a furioza
Lavareda de amor ao Grego Ulisses.
Desculpa me darás: sim, e tu propria,
Has de ser quem me obrigue a mais
querer-lhe.

Theb. Sim, Princeza adorada, he
bem que move

Mais teu fino querer a idolatra-lo.
Tudo Ulisses merece, elle se alona
A credor dessa tua real dextra.
Da Luzitânia o Sceptro, e Augusta Croa
Sobre os louros do Heroe, seraõ assombro
A todas as nações; e respeitozas
Conhecendo o valor de quem a cinge,
Pasmados ficaraõ sem que se moveão.

Cal. Ah Thebandra, não mais sus-
pende as vozes
Não queiras no louvor, com que o pre-
gões

Obrigar-me a fazer loccos extremos.

Theb.

Nova Comédia Heroica.

35

Theb. Pois senhora, naõ queres que
amoroza
Em Ulisses te falle? Ha de occultar
Seu louvor o silêncio? A minha boca
Poder-se-há callar a tantas graças
Como vejo nos Gregos? Naõ senhora:
Isto cá para nãim faz-se impossível;

Cal. Pois logo, tu Thabandra, no
que mostras
Dás indícios cabais de que dos Gregos
Com amante vontade muito gofas.
Porém dizé-me: saõ todos, ou de algum
Com amor singular vives goftosa?

Theb. A todos, em geral, sou inclinada,
Mas quem meu coração amante adora
He Philarco, Princeza, que a naõ ser
Ulisses tão Excelso, vanglorioza
Difera [que Philarco entre os mais Gre-
gos,
De gentil parecer se condecora.
Tudo incerra Philarco, e só lhe excede
Ulisses seu maior, porque se abona
De Heroe na primazia por sublime.

Cal.. Ah, quanto dizes bem! Ulis-
ses goza
De Heros os attributos. Seu aspetto
He indice gentil adonde mostrá
Forgozozos atractivos de adorralo.
Theb. Sim querida Princeza, saõ
forçozas
As razões q̄ te obrigaõ; mas Philarco.....

Cal. Bem te entendo, Thabandra,
desføjiza
Estás nesles affectos de hires ver
A Philaco. Vai, sim, amante vđa,
Que eu aqui ficarei, em esta fonte,
Contemplando no Grego q̄ a alma adora.

Theb. Eu aceito a mercé. Adeos Prin-
ceza,

Vai-se Thabandra, Calipso se senta jun-
to da fonte, e diz.

Cal. Fugitivo chrystal, que murnu-
rando

Estrás dos meus amores claramente?
Ah, naõ murmures mais! naõ saiba a gente
Que de ti meus cuidados vou fiando:
Se tens em ti nobreza vai guardando;
Segredo a meu amor heroicamente,
E naõ culpes a quem com fé decente
Se vñao Grego Ulisses adorando.
A forçoza razão do meu afecto
Traz comigo a desculpa; e desta forte
He devida adorar tal objecção.
O meu fado me obriga, lance forte!
Pois sendo Ulisses nobre, e taõ discreto,
Quando a Ulisses deixar será por morte.

Fica encostada ao pé aa fonte como
dormindo, e logo a breve espaço subi-
rá pelas espaldas da fonte huma ser-
fente monstruozas que chegará a es-
tar em termos de a offendere. A cujo
tempo sahirá Ulisses, que rendo a
féra naquelle estado arrancará a es-
pada, e matará a fera: tudo de
forte que vñão dizendo os versos.

Ulisses. Junto aqui desta fonte huma
fogaça
Paixão mitigar quero; mas que vejo!
Monstro horrendo, e feroz em estâ agora
O castigo terás do atrevimento
Que intentavas cruel, e rigorosa.

Descarregará Ulisses o golpe sobre a
serpente, que logo cahirá dando al-
guns pulos; e depois lhe cortará a
cabeça; que a meterá na ponta da
espada, e com ella chegará para Ca-
lipso, que recorda; e vendo Ulisses
rica agustada, e Ulisses mostrando
lhe a cabeça da fera, lhe diz.

Uliss. Senhora esta que vez teve arro-
gancia
De querer offendere vossa pessoa.
Eu acaso chegava quando vi

E ii

Da

Da fera deshumana aecaõ traidora ;
E puchando da malfia forte espada
Logo a morte lhe dei. A monstruosa
Tyrannia pagou. Muito estimei
Chegar a este tempo, porque fora
Lamentavel ruina o seu impulso
Na desgraça maior mais lastimosa.

Cal. Ulisses valerozo, Heros preclaro.
Impulso superior te trouxe agora
A livrar minha vida deste monstro.
A naõ ser do teu braco a portentoza
Valentia / desgraça forta minha,
Semi remeio encontrar na fatal hora.
Que premios! que razeens seraõ bastantes
A taõ alta mercê , e taõ heroica !
Tudo julgo , senhor , ser diminuto
Ao merito que a vós vos condecora ;
Po'que a querer pagar-vos a fineza,
He pouco quanto tem Azia, e Europa.
A Górgoris meu Pai darei notícias
Da vossa bizarria taõ famoza ;
Pois elle como Rey, e como pai ,
Mil honras vos fará porque lhe toca.

Uliss. Naõ Princeza adorada, naõ quizer
zera
O premio de teu pai. Só tu senhora,
A mim no pôdes dar. Em ti consiste
A melhor recompensa, a melhor joia.
Se julgas por fineza hoje livrar-te
Da serpeante cruel , e venenoza
O mesmo uza comigo ; porque trago
(Perdo-amo o dizer-to) tambem outra,
Que ai-ida mais me arruina , o desbarata
Dentro nesse meu peito sempre involta.

Cal. Pois dentro de ti mesmo, Ulisses,
ses , trazes

Como aquela outra fera monstruosa ?

Uliss. Sim , Augusta Princeza , e mie
parece

Que se ta naõ matas triste eu morra :
Porque he tal seu veneno , e taõ tyranho
Que me fez acabar a vida toda.

Cal. Eu, Ulisses, naõ vejo em ti tal fera,
E menos que te faça alguma affronta ;

Pois se a vira fizéra por livrar te
(Posto que contro tu tanto naõ possa)
O mesmo que fizeste a meu respeito ;
Pois inda que mulher sou generoza.

Uliss. Isto dizes senhora? isto promettes?

Cal. Sim Ulisses , prometto , e muir
to prompta

O farei , como digo, por pagar-te
A fineza que obraſte taõ heroica.

Uliss. Parece-me, senhora essa expressão
Ser dita por chimára, ou por lisonja ;
Mas como tal fogeito a pernuncia ,
Para eu aceitar tem muita força.

Cal. Mas dize-me, senhor , qual he a
fera,

Que esse tem coraçao tanto devora ?
Eu naõ vejo que monstro algú te offendia,
Nem sei adonde esteja. Davidoza
Se me faz para mim tua expressão.

Uliss. Se licença me dás , em breves
horas

Ta prometto mostrar bem claramente.

Cal. Sim Ulisses famozo , eu ta con-
cedo ;

Pois desejo já ver taõ fero monstro
Como tu em teu mal tanto pregões.

Uliss. Este monstro, seahora , que em
minha a'ma

Tal effeitos produz, como tu zetas,
De ti só teve a origem : tu Princesa
Es a causa fatal , razão que forma
Neste meu coraçao ancias , e penas.

Cal. De mim nasceo a caufa ?

Uliss. Sim senhora :

Em ti a causa está do que padesso.

Cal. Pois como posso eu ser , por essa
fórmia ,

A causa do teu mal !

Uliss. Eu o publico. Couça

Cal. Dize-a , pois he razão que já te

Uliss. Castigada, senhora, a vil infânia
De Paris, pelo roubo da formoza
Elena ; e reduzida toda a cinzas
E Cidade infeliz da grande Troia:

Nos fizemos á vela para Esparta
 Com a Grega armada, que indo vaidosa
 Do triunfo, parecia que a Neptuno.
 Queria subjugar na activa pompa:
 Porém logo Princeza, esta altivez
 Abatida se vio, em breves horas.
 Vio Neptuno enojado esta arrogancia,
 C' o Tridente lateo nas brandas ondas,
 Que formando montanhas de Chrystal,
 Nos levava a tocar na luminoza
 Alampada do dia; e de improviso
 Nos mostrava do abysmo a horrenda boca.
 Em esta confusaõ, em este esfado,
 Nos deixámos levar da furioza
 Tempestade, esperando ouvir o destino,
 Ou nos salve benigno, ou nos ponha
 O termo afflictiva vida em tal contenda.
 Perdido, em fim, o rumo da derrota,
 Aqui viemos dar á Lusitania
 Trazidos pelos Deozes. As famozas
 Praias do grande Tejo atraveçamos,
 Desejando saber quem nellas mora,
 Pára gloria cabal do noso gosto.
 Sube, em fim, que teu pai, Rei dellas
 todas.
 Justamente as domina em paz alegre,
 Mais seu pai do que Rei. Com ancia
 prompta
 Buscallo procurei, para entregar-lhe
 A minha liberdade, e mais de toda
 A gente que domino; e de nós todos
 Se sirva como escravos: porque a nossa
 Vontade he só servilho eternamente.
 Aceitou compassivo a nossa pouca
 Offerta; procedeo Augusto, e Regio,
 Mandando-nos vir á Magezoa
 Prezença sua: adonde como pai
 Nos tem feito, Princeza, grandes honras.
 Nesta posse Real, nesta ventura,
 A maior que minha alma alegre goza,
 Foi o verte, senhora, cujo alombro
 Me deixou tão suspenso, que abortas
 As minhas tres potencias, parecias
 Não saberem de si humas, e outras.

Porque nesta Babel em que me vi
 E me vejo, senhora, como notas,
 Todo cheio de amor por teu respeito,
 Trazendo o coração num fogozo
 Pyra de mil afecções, outra Fenix
 Na chama em que dá fim, nella renova.
 Em fim, bela Princeza, a grande fera,
 Que de amores me mata a toda a hora
 He querer-te tão firme, e tão rendido,
 Que até de mim não sei. Tu julga a forma
 Em que me pôs senhora a tua vista.
 E se tens por fineza da traidora
 Féria livrar-te, como tu também
 Me não livras amante, e mais piedosa,
 Conhecendo mui bem feres a causa
 Deste mal que padeço sem melhora.
Cal. Taõ suspença, senhor, tenho es-
 cutado
 Esta tua paixaõ, que amante mostras,
 Que me faz suspender todo o discurso,
 Sem faber acertar no que responda.
 Mas para não ficar sem recompensa,
 Tanto o amor que devo, como a brioza
 Accaõ de me livrares do vil monstro.
 Desde já te premetto com honroza
 Fé, tão lembrada ser sempre de ti
 Que me possas chamar
Uliss. A minha Espoza?
Cal. Sim Ulisses, serás tu o meu
 conforto,
Uliss. E quem essa premessa firma abona?
Cal. He Calipso Princeza que te jura,
 E parece que basta, e mais que sobra.
Uliss. He verdade que basta o teu
 dizer
 Mas eu inda quizera
Cal. Que?
Uliss. Outra prova.
Cal. Aqui tens minha mão, e nella
 Ulisses
 A completa ferteza.
Uliss. Deixa agora: *Toma a mão de*
Calipso de joelhos, e lha beija.
Prostrar-me as tuas plantas como escravo.
Cal.

Cal. Como escravo a meus pés! isto em mim fora
Naô tembrat-me de mim. Naô e' meus braços

Ulisses valoroso te coloca. *Toma Ulisses nos braços*

Ulif. Hum silencio profundo, e reverente

A fineza taô nobre te responda; Pôrque o jubillo que sinto na minha alma, Naô acha outra expressão mais primoroza,

Cal. Por agora suspendaô-se os afetos

A deos amado Ulisses, que saô horas. O disfar-se, e segredo que he precizo Naô careço dizer-to. Mas que sombra Lá ao lonje devizo? Adeos Ulisses, Naô quero que nos vejaô, porque importa.

Vai-se

Ulif. Adeos meu bem, adeos bella Princeza, Idolo da minha alma, prenda nova, Eu te figo, porque desejo ser Das tuas Regias luzes Maripoza. *Vai-se*

Sabe Philacro como de noite.

Phil. Aqui neste lugar mandou Thebandra

(Ameno domélio de mil flores) Que esperas por ella, para darmo Novo alento a minha alma com a nobre Luz daquelle sol que só me aquesta Ah, naô tardes meu bem, já corre, corre, A ver hum coração que he todo teu.

Sabe Thebandra de outra parte sem ser vista de Philacro, e fica ouvindô o que elle diz.

Phil. Onde estás bem amado? dize a donde

Tê ocultas cara prenda dos meus olhos? Naô me queres falar? naô me respondes?

Naô merecis Philacro, seu amante, Que lhe escores as sua tristes vozes?) Cada flor que devizo neste prado Thebandra me paresse. Ellas só podem Emitar de Thebandra a formosura: Mas esta que com ella he mais conforme Eu a quero apaixnar, para que se já A que alivio me dê, e se já norte Na mante saudade que padego. A ti, cópia gentil dos meus amores, Drei os meus afectos. Mas que admiro! Tu aqui cara prendate me encobres, Quando vês que de amores enloquello?

Theb. Sim, querido Philacro, as tuas fortes Finezas quiz ouvir; por cuja causa Os passos suspendi: tu naô te enojes Do meu amante extremo; pois te afirmo, Que por ti toda esta alunata nte more.

Phil. Eu o creio senhora; mas quizera De ti maior certeza, cuja fosse O completo penhor da tua fé

Theb. Se duvidas, meu bem, das minhas nobres

Expressoens, que naô sejâo verdadeiras, Aqui tens minha mão, o sua posse Toma já sem receio bem amado, E nella hum coração a ti conforme, Em quanto respirar vitais alentos. *Dá-lhe a mão.*

Phil. Com quanta gloria amor, des- tes favores,

A sua posse aceito: a qual minha alma Faz que em quanto viver só nella more. Dá licença, meu bem!, que estes meus labios

Taô candida socena amantes toquem; E que do seu contato, em toda a vida Seja alheio embraço sempre gozem!

Beija Philacro a mão a Thebandra, que recuzará, e depois consentir.

Theb. Já vives descansado? Já tem peito

O re-

Oreccio perdei famozo Heroe ?
Vives certo, Philarco, que Thebandra
Naõ quer mais do que ser tua conforto,
E servir-te de escrava em quanto viva ?

Phil. Sim, querida Thebandra ; Po-
rém troque-se

Em mim o teu supposio; pois em mim
O titulo de escravo he mais conforme.
Tu, senhora, serás, como he razão,
A quem sempre cativo affélos postre.

Theb. Pois Philarco, eu accepto a
tua fé,

Tu a minha conserva até a morte.
Que eu o mesmo farei. Adeos Philarco
O Ceo te guarde, e livre como pôde,
Para gosto cabal de quem te adora.

Vai-se

Phil. Adeos sublime encanto, luz
do Orbe,
Qual outro girasol, ou clice amante,
Heide sempre seguir teus resplandores.

*Vai-se. Sabe El Rei, Rainha, Ca-
lipso, e Danteli.*

I Rei. Hoje, Augusta Rainha, hei de
mostrar

Minha grande vontade ao forte Ulisses ;
Pois quero reconheça, o meu poder
Na sublime funçāo de tal convinte.
Nell a veja suspenço, e confidere
Abundancia maior destes Paizes ;
E confuzo de si, diga a si mesmo
Ser a minha grandeza heroica em timbres.

Rain. He justo, Augusto Rei, o Gre-
go veja

Toda a nossa vontade, e della fique
Taõ alheio, e pasmado, que se esqueça
Daquelle taõ primor que lhe deo Cirea.

Cal. Tudo pai, e senhor, ao Grego
Heroe

Mercece por quem he, se lhe dedique :
Reconhecendo em vós, que tal açōo
Só se faz a taõ alto, e nobre Principe.

Rei. Sim, [oh filha querida], eu man-
do já

A função perparar; e que naõ fiquem
Na idea lembradas as viandas,
Que todas senzāo façāo sem limite.

Olá Danteli, tu já sem demora
Tudo manda compor, como te disse ?,
E depois de composto, ao Grego Heroe,
O conduz, como lhe julgo, a tal convite.

Dant. Sim, Augusto senhor, eu par-
to já

Obediente fazer o que me dizes
Onde o Grego conheça, que só vós
O sabeis hospedar com real timbre.

*Partirá Danteli, e depois virá com
Ulisses, Philarco, Pirro, Leoste-
nes, para a sala, onde estão as pessas
Reais, e Damas ; e dalli vão para
as menzas, nas quais se distribuirão
conformes aos seus sogeitos.*

Rei. Nos finais do tropel vejo, se-
nhora,

Que Ulisses com os Gregos taõ felices
Veni chegando a gozar da noſſa offerta,
De qual querer que todos participem.

Rain. Sim, Augusto Monarca, os
Gregos todos

Noſſa grande vontade bem admirem,
Conhecendo que em nós, para agradalloſ,
Os desejos se formão sem limite.

Cal. Tudo quanto executa o vosſo
gosto,

He devido, senhor, que nelles gire,
Porque a hospedr tal, tais obsequios,
São em vés attiibutos com despique,
Qualquer passo que fintu já na idea d.p.
Ser o meu Caro Ulisses se me fize
Com eu já vista só meu coração
Acha gloria cabal em que respira.

*Sabe Danteli com Ulisses, e os maiores Gre-
gos.*

Dant.

Dant. Vossa Alteza, senhor, com os
seus Gregos

Pôde (para que me honre) já seguir-me,
Que o meu Rei desvelado no seu gosto,
Aqui na sala o' espera por mais timbre.

Uliss. Bem parecesta açoado, senhor
Excelso,

Produçao de tal Rei, para que fique
Tantas vezes escravo, quantas saõ
As horas que me faz sem ter limite.

Dant. Por hospede, parente, e por
amigo,

É por vostro sogeito taõ sublime,
Tudo quanto executa julga pouco,
Para gosto vos dar em seus Paizes

Phil. Quantõ, Excelso senhor, o vos-
so Rei

Liberal nos concede, e nos premitte,
He intice ohal da Magestade,
Que no seu coração Augusto vive.

Pirr. Taõ suspenço, senhor, vou
contemplando

Estas Regias merces do vosso Principe
Que julgo naõ haver divertimento
Que só para nos dar naõ escogite

Leont. Eu para publicar tanta grandeza,

Perifazes naõ acho que o decisire;
E por esta razão, senhor Excelso,
Seja só meu silencio, que o publique.

Hiraõ subindo todos para a sala a
onde estã as Pessoas Reaes, a quem
saraõ as devidas cortezias; e depois
dirá Ulisses.

Uliss. Segunda vez senhor, cheio de
gloria

Venho á vossa presença taõ sublime,
Na qual prostrado offerto, como devo,
A minha escravidão; e dos felices
Gregos meus companheiros, que vaizozos
Com taõ alta mercê alegres vivem

Phil. Em nós, Monarcha invicto, esta
ventura

De fermos teus vassallos, tem tal timbre;
Que patece que nella dominamos
O Imperio maior sem ter limite.

Pirr. Se licença me dás, Augusto
Rei,

Com que possa dizer quanto e'mim vive
O gosto de chamar-me teu vassallo,

Receio que molesto, em dizer, fique

Leont. Pois na minha expressão vejo
naõ cabe

Esta dita taõ frusta em que rezide
Aventura maior, que até minha alma
Outra couza naõ quer que a regozie.

Rei. Utilies valorozo, Heros Excelso,
E vós preclaros Gregos, vinde, vinde,

Naõ a ser meus vassallos, mas a heres
Quem no meu coração sempre dominem.

A ti famoso Ulisses, por parente
Devo a teus compatriotos preferir-te;

No meu reino ferás, depois de mim,
Quem na paz, ou na guerra só domine.

E vós Ilustres Gregos, por amigos,
Sabei vos reconheço, em quem rezidem
Conhecidas de mim açoens illustres
Na heroica obediencia que premittem.

Phil. O nosso grande Ulisses por nós
todos

Te responda senhor, para que fiquem
As horas que nos fazes taõ Augustas,
Em parte agracelidas por mais timbre.

Uliss. Sim, caros companheiros, eu
darei

Por todos nós as graças, que eternizem
Do Augusto Monarca altas bondades,
Da nossa escravidão glorias sublimes.

Novamente senhor, Por horas tantas
Eu, e meus companheiros sempre fuisse,
Mostraremos de Luzos, e de Gregos
A va ngloria que temos de servir-te.

Rei. Taõ ferto vivo, Ulisses, dos pri-
mores

Com que todos fabeis bem pregoadir-me,
Que naõ tem minha ideia outro objeto

Em que mais se reveja, e regozije.

Nova Comédia Heroica.

41

Por agora deixemos comprimentos:
Vinde honrar minhas mezas , nobre
Ulisses ,
Com vossos capitães, em cuja quero ,
Que vejais quanto prezo Heroes su-
blimes'
Todos. O seguir-vos senhor , será
em nós
A resposta cabal ao que nos dizes;
Que a querer-mos dizer o que sentimos
Não podemos, por ser couza indizível.

S C E N A IV.

*Vista de mezas Magestozas , com ap-
parencias de varias viandas, e nellas
se destribuirão os Gregos conforme
os suoi estados, estando a dextra de
El Rei, Ulisses ; e depois fabrião a
seu tempo a dançar quem lhe compe-
tir, advertindo , que em quanto es-
tiverem à meza , tocará a Oro-
questa algumas sinfonias , e depois
pararaõ quando El Rei for dizendo
os seguintes versos.*

Rei. **C**oncebo tal vangloria, Ex-
celso Heroe ,
De ter-te aqui comigo, que blazuza
Tanto meu coraçao nesta aliança ;
Inda mais que o ser Rei na terra Luza.
Uliss. Ella he noſſa ſenhor , na qual
gozamos
Eu , e todos os Gregos tal ventura,
Que paſmado a defurro em contemplala.
Do que for adverſo já triunfa.

Rei. E para que vejais do meu em-
penho
Outra nova fineza, e mais jocunda,
Vos quero divertir com hum faro ,
Da forma que entre nós cá se costuma.
Olá, Danteli, venhaõ ſem demora
Os dançantes moſtrar as graças suas ,
Nes quacs quero que vejam hoje os Gre-
gos ,

O primor com que fazem peſas muitas.
Dant. Obediente farei o que me man-
das. *Vai-se Danteli.*
Uliss. Na voſſa Mageſtade ſempre Au-
gusta ,
Saõ Fenis as merces que nos concedes ,
Renascendo de vós produçoens ſummas.
Rei. Nada quero que fique que não
moſtre.
Empenhar-se no dar-vos glorias puras.

Sabe Danteli com os dançarinos

Promptamente , ſenhor , da dança os
meſtres ,
Vos vem obedeoer como coſtumab.

*Sahem a dançar , que admirados os
Gregos eſtarão bons para os outros
fazendo modos admiratívis, mojtran-
do nos intrevalos para as peſſas
Reais goſtarem muito ; e a ſeu tem-
po ſe retiraõ , e ficaõ os maiores , e
reprezentao com a meſma Scena.*

Uliss. Taõ ſuſpenço, ſenhor , taõ ad-
mirado
Me contenpo , dever elas jocundas
Honras que me fazeis, que bem parecem
Produzidas de vós por taõ Auguftas.
Rai. Tudo quanto executo he le-
mitado ,
Para goſto vos dar , quando circula
Em vóſo ſangue meu, e vós fazeis
Generoço acreedor de graças mutuas.

Rain. Bem quizeraſmos nós que a
Luzitania ,
De todo o mundo foſſe a mais fecunda
Provincia, para nella vos moſtrar-nos
A vontade que temos , liça , e pura.
Mas conforme premittem , noſſas terras ,
Vereis Excelſio Ulisses , quanto abunda
Em noſſos coraçōens a grande gloria
De que noſſas offertas já peſſuas

F

Uliss.

de Ulisses na Lusitania.

Uliss. Eu Augusta, senhora, a tantas honras.

Não sei ja mais que diga, pois inculcaõ
Tas reais attributos, que me deixaõ
Eterno prizionero, a boca muda.

Phil. A' vista de grandezas taõ su-
blimes,

Eu me pasmo tambem. As mais occultas
Naçõens desse Universo, te soubeissem
Quanto hourais os estranhos, já defuzas
Pelos vossos Paizes mostrariaõ
Das patrias não lembrar-se todos nunca.
Que a ser vassallos vossos he tal honta,
Tal vangloria, senhores, tal ventura,
Que os Reis dos outros Reinos quando o
fostem

Deixariaõ as offertas deminutas;
E beiando os grilhoens da vassalagem,
Com mais horas fecharõ em si juntas.

Pirr. Monarca sempre Augusto, alta-
ra, Rainha,
Os Ceos, os santos Ceos, por mais venturas
Nos trocerão aqui para gozar-mos,
Quanto pôde expressar hum *non plus*
ultra.

Rei. Conformes todos vós, com o vos-
so Heroe
Nos termos vos mostrais, com taõ aguda
Eloquencia, que bem vos pareceis
Discípulos seres seus pela facundia.

Leost. A jatancia que temos, gran
senhor
De sernios teus vassallos, he taõ funda,
Que a querer-mos sondar sua grandeza,
A vista desfalece, a idea turva,

Rei. Ella acção generoza que mos-
trais

De nós aceita fica: assim segura

A noſta porteeçāo sempre tereis:

Como filhos vivei na terra Luza.

Uliss. Tudo temos por certo, invito
Rei,

Nas liberais grandezas, nas profundas

Hontas que recebemos, que em nos to-
des

Eia sernios teus vassallos se vinculaõ.

Mas agora só falta, Rei Augusto,

Da vossa Magestade alcançar huma

Mercê taõ superior, que nella só

A Grega cometiva a seu bem funda. *Ajor-*
lhão todos o Gregos com Ulisses.

E primeiro que a diga ás vossas Plantas
Reverente prostrados, sempre Augustas,
A licença pedimos, não faltando
A's suas condicōens se forem puras

Rei. Ulisses Per Excelsio, heroicos
Gregos,

Assim não estejais: expoeim as tuas
Condicōens que pertendes, porque aceitas
Do meu amor seraõ, se forem justas.

Uliss. Bem sabeis Rei Augusto, co-
mo os Deózes,
Por estradas a nões de todo occultas,
Nos trocerão aqui ás vossas terras,
Para dar-nos descanço nas agudas
Mizerias, que passámos sobre máres,
Onde vímos as vidas já caducas:
Que a não ser a piedosa Deoza Juno,
Seríamos despojos das cerutias
Garras de Afantrite, que tragar-nos

Pertenderão mil vezes; e das fundas
Cavernas nos livrou: de cuja sorte

Vosso porto tomámos, sem astúcias,
Como outros fizerão, para serem

Desforçados piratas. Conjecturas
Temos nós hemi diversas, cuja lá

Vivermos sempre aqui. A mais occulta
Parte desta Provincia vos pedimos

Para nella habitarmos, onde ás facturas
Idades deixaremos ás memorias

Da noſta vinha aqui; pois ella inculca
Misterio, invito Rei, porque Polibio

Aſſim vaticinou por conjecturas
Quando veio fallar-me; e me mandou

buscar vossa pessoa sempre Augusta.

Este he, oh gran senhor, o noſto intento,
Toda a noſta vontade, sem que alguma

Cousa mais pertendamos. Nossa patria

Será desde hoje endiante a terra Luza

Pois

Pois da Grecia esquecidos vossos servos
Pelas honras que em nós todos redundab,
Rogaremos aos Deozes vos prosperem,
Eterna duraçāo de mil fortunas :
Para veres na vossa Regia Prole,
Felices produçōens com glórias sumas.

Rei. Attento tenho estado, Excelso
Ulisses,

A vossa expoziçāo: ella se funda
Em justiça cabal. Eu vos concedo
Tudo quanto pedis. Naquella aitura
Da parte Oriental, que o nosso Tejo
Suas faldas lhe beija, e sempre inunda :
Podereis fabricar vossa morada
Com vossos companheiros; e das grutas
As feras desterrai, porque se vejam
Ellas terras dezertas por vós cultas.
E para que melhor as fabriqueis,
Quanto houveres mister para a factura
Da vossa habitaçāo sem ter limite
Mando as ordens passar. Não haja alguma
Cousa que vos não seja favorável
No meu Reino. Danteli já defuzas
Estas ordens se façāo. Meus vassallos
Quanto Ulisses pedir logo lhe comprab.

Uliss. Por tão altas merecēs, Monar-
cha invicto,
Prostrados novamente ás sempre Augus-
tas. Ajoelhaõ tos querendo bei-
jar as mãos a El Rei, que reenza.
Plantas vossas, senhor, essa maõ Regia
Vos beijamos com gloria a mais jocunda.
E no vosso serviço sempre promptos
Ou na paz, ou na guerra forte, e crua
Mostrarímos que somos teus vassallos,

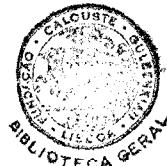
Pelo gosto que disto nos redunda,
Rei. A meus braços Ulisses, primo
amado,
Com vossos companheiros, quero subaõ:
Levantai-vos da terra, que sois dignos
De todas estas honras ; pois vinculaõ
Vossos termos heroicos, abhamar-vos
Verdadeiros meus filhos, onde cumpra.
Mostrar-vos de huma vez quanto vos
amo.

Uliss. Tudo vemos senhor: nada se
occulta
A nossos coraçōens ; pois como pai
Nos tendes amparado. Das alturas
Jupiter soberano e os mais Deozes
Vos prosperem mil graças, e defundaõ
Sobre vossos domínios bençōens santas.
Agora invito Rei, Rainha Augusta,
E vós, Alta senhora, dai licença,
A que nos apartemos das ternuras
Com que tanto soubestes sempre hon-
rar-nos.

Rei. Rain. e Cal. Os Ceos, que vos
treccerão façāo justas
Todas vossas ideias, para assim
Se fazer mais famosa a terra Luza.

Ulisses, e mais Gregos. Elles que nos
guitarão de tão longe
A tomar este porto, elles acudão
A ajudar-nos também, para mostrar-mos
Nossa intento cabal noutra segundá,
Na qual vos mostrará o mesmio Author
Não cantar cá da França a voz da tuba,
Mem de Italia também, porque seria
Negar em Portugal heroicas Muzas.

F I M.



PROTESTACAO

Do Author.

AS palavras divindades, Deozes, Numens, e outras destas qualidades; declaro, que só as profiro no sentido Poetico: porque em tudo me sojeito ás disposicioens da Santa Madre Igreja Catholica Romana, Sagrados Consilios, e Tribunal da Real Meza Censoria

¶ Insoliis tantum.

